

Catálogos de exposições bibliográficas¹

Exhibitions catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹ A publicação de catálogos de exposições tem como objetivo deixar memória de acontecimentos efémeros, de que muitas vezes não restaria outra memória física. Na compilação para este *Boletim*, passamos a incluir, se não tiver sido publicado já noutro local, a respetiva Apresentação (ou, não existindo esta, o texto do *Press Release*) e a Ficha Técnica, para deixar explícitas as razões e o enquadramento que presidiram à iniciativa e vincar que nenhuma exposição é uma ilha ou a obra de uma só pessoa, mas um produto coletivo de todas as valências que nela estão envolvidas. Assim, a todos fica manifestado o devido reconhecimento.

(Página deixada propositadamente em branco)

“Toda a redondeza do mundo” :
Magalhães-Elcano (1519-1522) /
“All the roundness of the world” :
Magellan-Elcano (1519-1522)¹

Sala de São Pedro da BGUC, 27 novembro 2020 a 19 fevereiro 2021
Biblioteca Joanina, 24 junho 2021 a 31 janeiro 2022

Ficha técnica

Conceito e textos:

A. E. Maia do Amaral

Apoio científico:

Francisco Contente Domingues

João Paulo Oliveira e Costa

Vítor Luís Gaspar Rodrigues

Traduções em inglês:

Marta Amaral

David Hardisty

A. E. Maia do Amaral

Tradução em espanhol:

María Luisa Aznar

Grafismos:

Nuno Nina Martins (Noozle Lda.)

1 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o autor - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Digitalizações:

José Neto

Logística, montagem e desmontagem:

Margarida Quinteira

Carla Simões

Samuel Arrojado

José Joaquim Simão

Humberto Martins

Celeste Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

José Mateus

Promoção:

Ana Laura Martins

Apoios:

EMCFM - Estrutura de Missão V Centenário Circum-navegação Fernão de Magalhães (2019-2022)

Abertura

Uma biblioteca é uma janela aberta para o mundo. E, dentro das suas muralhas, não se folheiam só livros, revistas e jornais; não se dispõem apenas computadores portáteis, cadernos e materiais didáticos pelas mesas, convidando a longas tardes de estudo por parte de jovens que encontram nas nossas salas de leitura o abrigo quente e iluminado de que não dispõem nos quartos que arrendam e partilham durante todo o ano académico.

Não. Uma biblioteca é muito mais do que isso. Da interação entre o leitor e o conhecimento condensado nos cartazes, nas vitrines expositivas e nas linhas dos livros que os olhos devoram pouco a pouco resulta algo que é, talvez, o principal fator de desenvolvimento da mente humana: a *curiosidade*. Foi ela que, aliada à *necessidade*, nos afastou dos primatas nossos parentes diretos (os mais desenvolvidos dos quais partilham cerca de 98% do nosso código genético) até ao Homem atual, o *Homo sapiens sapiens* que há cerca de 40 mil anos surgiu na Europa, na sequência de um longo processo evolutivo iniciado perto de 150 mil anos antes.

Diversos estudos (destaco os de Nicholas Humphrey, o famoso neuropsicólogo inglês nascido em 1943 e radicado em Cambridge) mostram claramente a importância da interatividade para o desenvolvimento da inteligência humana. A metáfora clássica é a de Robinson Crusoe, a personagem central do célebre romance de Daniel Defoe publicado pela primeira vez em 1719: só quando encontra o nativo Sexta-Feira é que Robinson, obrigado a uma gestão permanente de emoções, de espaços, de carências, de tentações e de equilíbrios na sua relação com o *outro*, vai ser capaz de mobilizar no mais fundo de si próprio a plenitude fulgurante das suas capacidades. E, como a necessidade aguça o engenho, foi como uma cortina que se rasgou, abrindo novos horizontes ao naufrago que se perdera do Mundo.

As bibliotecas também servem para cruzar biombos e para salvar os naufragos da vida e do conhecimento. Por isso, elas não podem deixar que os leitores se encerrem nos seus casulos de circunstância, dominados pelas demandas pontuais e pelas urgências práticas que resultam dos exames e outros trabalhos académicos. Não. Uma biblioteca viva é um espaço de permanente estímulo à curiosidade e à inteligência dos seus utilizadores. Hoje em dia, os *curricula* universitários são em boa parte (sobretudo na área das Humanidades) construídos para atrair, para *seduzir* os alunos. Mas estes precisam, isso sim, é de ser *desafiados*, postos à prova, interpelados por iniciativas e projetos inesperados e até exteriores às suas áreas de interesse imediato. É isso que faz crescer os nossos jovens leitores e os amadurece, com a força bruta da surpresa e o encanto da novidade. Isto chama-se convocar o leitor e lembrar-lhe que a vida não se resume no manual que precisa de ser estudado para o exame da semana seguinte.

Por todas estas razões, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, investe, desde há largos anos, muito do seu esforço na organização de exposições didáticas, várias delas itinerantes e bilingues, que apresenta em cenários diversos, consoante as tipologias e as circunstâncias. Em 2020, por exemplo, passaram já – pela

Sala de São Pedro, pela Sala do Catálogo ou pelo Piso Intermédio da Biblioteca Joanina – exposições sobre José Régio, sobre a correspondência do exílio trocada entre os manos Armando e Jaime Cortesão, sobre a Revolução Liberal de 1820, sobre Isaac Asimov, sobre o livro infantil ou sobre Fernando Assis Pacheco, entre outras. Mas havia uma efeméride que, mesmo num ano maldito como o de 2020, nós não poderíamos falhar: a da viagem de circum-navegação iniciada em Sanlúcar de Barrameda, em 1519, por Fernão de Magalhães, na companhia de duas centenas e meia de companheiros, incluindo quatro dezenas de portugueses. Tanto quanto se sabe, foi só em finais de novembro de 1520 que, depois de muitos perigos e aventuras, a pequena esquadra de cinco navios ao serviço do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha) encontrou a estreita passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico e penetrou nas águas calmas do ‘Mar do Sul’.

É esse momento mágico que, quinhentos anos depois, a BGUC pretende evocar com a inauguração desta mostra a 27 de novembro de 2020; porque também esse instante simboliza esse curto *caminho das pedras* que nos separa do futuro e da descoberta de um admirável mundo novo. Mas é claro que a exposição considera toda a viagem que Magalhães iniciou e conduziu até à sua morte espúria nas Filipinas, em abril de 1521, aos 41 anos de idade. Como é bem sabido, o projeto sobreviveu ao seu mentor e a viagem de circum-navegação veio a ser completada pelo navegador basco Juan Sebastián Elcano, que em setembro de 1522 aportou em Sanlúcar de Barrameda, ao comando da nau Victoria, o único navio sobrevivente da primeira esquadra que deu a volta ao Mundo.

A história desta extraordinária epopeia é, em grande medida, facilitada pela existência de um precioso códice que a BGUC se orgulha de possuir no seu espólio: o diário de Antonio Pigafetta, o marinheiro, geógrafo e escritor italiano (da região de Veneza) que parece ter pago do seu próprio bolso um lugar na expedição que

zarpou da atual província de Cádiz em 1519; a Fortuna permitiu que Pigafetta fosse um dos únicos 18 sobreviventes da viagem de 1519-1522, o que torna o seu relato ainda mais valioso.

Assim se juntaram a *vontade* e a *possibilidade*, fazendo com que esta exposição configure um dos momentos mais altos da programação cultural da BGUC em 2020. Venham os jovens leitores, e os menos jovens, os da comunidade académica e os de toda a região, visitar o que a BGUC, com todo o carinho e com os meios ao seu dispor, preparou para o período compreendido entre 27 de novembro de 2020 e 19 de fevereiro de 2021.

Cabe-me, por fim, fazer aqui alguns agradecimentos sentidos. Ao Dr. António Eugénio Maia do Amaral, Diretor-Adjunto da BGUC e Comissário desta exposição, pela ideia, pelo projeto que esboçou praticamente sozinho e pelo empenho na respetiva concretização. À Estrutura de Missão para o V Centenário da Circum-navegação de Fernão de Magalhães, na pessoa do seu Presidente, Dr. José Marques, pelo apoio e pelo entusiasmo, que nos motivaram e que permitirão que esta mostra possa dar, também ela, a volta ao Mundo! Aos Professores Doutores João Paulo Oliveira e Costa (que também aceitou a fazer a intervenção de fundo na sessão inaugural desta exposição), Francisco Contente Domingues e Vítor Gaspar Rodrigues, pelo aconselhamento científico amigável e muito competente, que nos permitiu construir com muito maior certeza o guião de «Toda a redondeza do Mundo: Magalhães-Elcano, 1519-1522». A todos o nosso bem-haja.

27 de novembro de 2020

João Gouveia Monteiro

«¿Quién dirá que la nao Victoria, digna, cierto, de perpetua memoria, no ganó la victoria y triunfo de la redondez del mundo ... pues dio vuelta al mundo, y rodeó la inmensidad del gran océano? ¡A quién no le

parecerá que con este hecho mostró, que toda la grandeza de la tierra, por mayor que se pinte, está sujeta a los pies de un hombre, pues la pudo medir?»

(José de Acosta, Historia natural y moral de las Indias, Cap. II)

1 A forma e as dimensões do planeta

Desde Pitágoras que os gregos especulavam sobre a esfericidade da Terra. Aristóteles demonstrou-a com o argumento da sombra projetada durante os eclipses da Lua. E, no século 3 a.C., Eratóstenes de Cirene, o sábio bibliotecário de Alexandria, conseguiu mesmo determinar aproximadamente as suas dimensões: 250 mil estádios gregos de perímetro, equivalentes a 41 mil quilómetros. Hoje, calcula-se a circunferência da Terra em 40.075 km, no Equador.

1.1 O Mundo é redondo

O “rosto” da primeira compilação publicada de relatos de viagens (1507) é ilustrado pela imagem de um mundo esférico e cristianizado pela cruz. Verdadeiro êxito editorial do século 16, esta obra inclui, entre outros, os relatórios da chegada de Cabral ao Brasil e da primeira viagem de Colombo, além das cartas de A. Vespucci ao seu patrono Lorenzo Pietro di Medici.

Fracanzano da MONTALBODDO, *fl.* 1507-1522, compil.

Paesi nouamente retrouati et Nouo Mondo da Alberico [sic] Vesputio Florentino intitulado.

Vicentia : Henrico Vicentino & Zãmaria suo fiol, 1507, 3 de Nouembre.

BGUC V.T.-19-7-17

1.2 Na esteira de Colombo

Depois de Eratóstenes, Posidónio de Rodes, refez os cálculos e obteve uma dimensão menor, que nos chegou pelo testemunho de

Cleomedes. Ptolomeu adotou-a, o que muito ajudou à argumentação de Colombo e de Magalhães: é que sendo o planeta menor, a Índia estaria mais perto de Espanha, navegando para Ocidente.

CLEOMEDES, séc. 2

... Meteora graece et latine : A Roberto Balforeo ex ms. codice Bibliothecae illustrissimi Cardinalis Joyosii multis mendis repurgata

Burdigalae : apud Simonem Milangium, 1605.

BGUC 4 A-25-8-15

1.3 Procurando uma passagem

A conjectura do piloto João de Lisboa sobre a facilidade em navegar do Brasil ao Extremo Oriente pois “*não ha* mais de 600 milhas até Malaca” foi divulgada na Europa através da *Copia der Newen Zeytung auß Bresillg Landt* (1515) e influenciou Johann Schöner (retrato ao lado) a imprimir um globo que pode ter inspirado Magalhães, ao mostrar um canal na costa brasileira, aos 40 graus Sul.

Johann SCHÖNER, 1477-1547

Opera mathematica.

Norinbergae : in officina Ioannis Montani et Ulrici Neuberi, 1551.

UCFCT Matemática RA. 09.10

1.4 Sem se saberem as longitudes

Sem forma de medir as longitudes no mar, as novas terras descobertas eram colocadas no mapa com muitas imprecisões. Neste *mapamundi* de Lorenz Fries, datado de 1522, o mesmo ano em que a nau *Victoria* regressava a Espanha, ainda não existe clara diferença entre a América e a Ásia, tal como Colombo julgou, depois da sua primeira viagem ao Novo Mundo.

PTOLOMEU, séc. 2

... Geographicae enarrationis libri octo / ex Bilibaldi Pirckeymheri tralatione...

Lugduni : ex officina Melchioris et Gasparis Trechsel Fratrum, 1535.
BGUC J.F.-50-6-3

2 A divisão do globo entre Portugal e Castela

Em 1494, os monarcas portugueses e castelhanos partilharam entre si todo o Mundo (descoberto e a descobrir) num Tratado retificado pelo Papa. Tordesilhas dava a Portugal todas as terras situadas a Oriente de uma linha imaginária norte-sul que passava 370 léguas (1.770 km) a oeste de Cabo Verde e dava a Castela-Aragão todas as terras a Ocidente desse semi-meridiano.

2.1 Divisão por um semi-meridiano

Ficou claro depois de Tordesilhas que Portugal dominaria a maior parte do Atlântico. Nem Castela lhe contestou a posse do Brasil, que depois se veio a descobrir. Com o avanço dos portugueses para Oriente, levantar-se-á a questão de saber por onde passaria a linha oposta a esse limite de Tordesilhas: o chamado anti-meridiano.

Pedro de MEDINA, 1493?-1567?

Regimiento de navegacion en que se cõtienen las reglas, declaraciones y auisos del libro del arte de nauegar.

En Seuilla : por Juã Canalla, 1552.

BGUC RB-28-22

2.2 E onde passará o anti-meridiano?

O geógrafo sevilhano Martin Fernández de Enciso, o português Pedro Margalho e toda a Escola de Salamanca garantiam a Carlos I

que o anti-meridiano de Tordesilhas se situava a 200 léguas de Malaca, deixando as Molucas, o único lugar onde se produzia o cravinho da Índia, dentro do hemisfério espanhol.

(Na exposição mostrou-se uma infografia com diversas propostas de anti-Meridiano)

2.3 Um fantástico “mapa do tesouro”

Antonio de Herrera y Tordesillas, cronista oficial dos Filipes, escrevendo no final do século 16, ainda considerava que *“la navegacion y descubrimiento que compete a los Castellanos”* incluía as Molucas, as Celebes, as Filipinas, o Bornéu e, claro, a China e o Japão. Este mapa de Herrera (já atrasado 100 anos) ainda se publicava na edição de 1725 ou 1730.

António de HERRERA Y TORDESILLAS, 1559-1625

Descripcion de las Indias Occidentales...

Madrid : en la Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730.

Data emendada na portada gravada.

BGUC 1-16-11-231 (vol. 1)

3 Objetivo: as Ilhas das Especiarias

Só em 1510 se revelou a origem do cravinho nas ilhas Molucas, pela publicação do relato de uma viagem (em parte imaginária) à Insulíndia por Ludovico de Varthema. Assegurar o acesso de Castela a tais especiarias foi a grande motivação por trás da viagem de Magalhães, como escreve Maximilianus Transilvanus, em 1522: “Contudo, quer fosse a avareza, quer a insaciável avidez, com desregrada gula fomos coagidos a procurar as especiarias neste desconhecido mundo” (trad. de Reis Brasil).

3.1 Um *blackout* informativo

A Coroa portuguesa queria subtrair às rivais todas as informações de valor estratégico, como a localização de recursos exploráveis,

chame-se-lhe ou não uma “política de sigilo”. O completíssimo relatório de Tomé Pires sobre o Oriente só conseguiu ser publicado por Ramusio numa versão da qual fora removida toda a informação sobre as Molucas e até o nome do seu autor.

Tomé PIRES, 1465?-ca. 1527

Sommario di tutti li regni, citta & populi orientali...

In:

Giovanni Battista Ramusio, 1485-1557, ed. lit.

Primo volume, & seconda editione delle navigationi et viaggi : in molti luoghi corretta, et ampliata...

In Venetia : nella Stamperia de Giunti, 1554. F. 358v-372v. 3 vol.

BGUC 1-6-14-471 (vol. 1)

3.2 A origem do cravinho da Índia

O cravinho era a mais valiosa das especiarias e era nativa do “Maluco” (do malaio “*Maluku*”), como os portugueses chamavam ao arquipélago das Molucas, na atual Indonésia. Antes dos portugueses, a especiaria chegava à Europa (Veneza) através dos árabes, que a obtinham em entrepostos javaneses. Garcia de Orta deu-lhe o nome latino que usara Plínio-o-Velho, *Caryophyllum*.

Garcia de ORTA, 1499?-1568

Due libri dell’historia de i semplici, aromati, et altre cose...

In Venetia : Apresso Francesco Ziletti, 1582.

BGUC R-74-41

3.3 Da noz-moscada e da “mácide”

Além do cravinho, o médico sefardita português Garcia de Orta descreveu em Goa outras especiarias da região, a noz-moscada e a raríssima “mácide” ou “macia” (*macis*), obtida do invólucro da semente da mesma planta. Clusius (Charles de l’Escluse, 1526-1609) ilustrará

e traduzirá a obra para Latim e irá publicá-la na Oficina de Plantin, divulgando-a por toda a Europa.

Garcia de ORTA, 1499?-1568

Aromatum, et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium história ...

Antuerpiae : Ex Officina Plantiniana : apud Viduam & Ioannem Moretus, 1593.

BGUC RB-33-13

3.4 Ternate e Tidore

Os primeiros europeus a chegar (1512) foram os portugueses. Com o acordo do sultão local, que se declarou amigo e vassalo do Rei de Portugal, instalaram-se na ilha de Ternate e aí faziam uma fortaleza, em 1522. Os castelhanos, evitando os portugueses e aproveitando as rivalidades locais, privilegiariam contactos com a ilha rival de Tidore.

Willem Janszoon BLAEU, 1571-1638

Theatrum orbis terrarum, sive Atlas novus, in quo tabulae et descriptiones omnium regionum.

Amsterdami : apud Iohannem [et] Guiljelmi F. Blaeu, 1645-[1650].
4 vol.

BGUC 1-6-16-572 (vol.2)

4 Convencer Carlos I

Escreveu João de Barros que *“El Rey de Castella como estava namorado das cartas e pomas (globos) de marear que Fernam de Magalhães lhe tinha mostrado”* (Década 3ª, f. 147) acolheu a sua proposta de achar um caminho para as Ilhas da Especiarias, navegando pelo hemisfério espanhol. Para sustentar a ideia, Fernão de Magalhães ia munido do conhecimento português: um Regimento do bacharel Rui Faleiro, mapas encomendados aos Reinel e a correspondência trocada com o amigo Francisco Serrão.

4.1 Cumprir um destino imperial

Em 1516, um comentador do Salmo 19 chamava a atenção para a descoberta de “novas terras”, iniciada por Cristóvão Colombo, estar a cumprir as palavras do Rei David *“In omnem terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorum”* (a Sua voz ressoa por toda a Terra e as Suas palavras até aos confins do mundo). Tal desígnio elevava-se bem à altura de um rei que tinha adotado como lema pessoal *“Plus ultra”* (Mais além).

BÍBLIA. A.T. Salmos. Poliglota

Psalterium, Hebr[a]eum, Gr[a]ecu[m], Arabicu[m], & Chald[a]eu[m], cu[m] tribus latinis i[n]terp[re]tat[i]o[n]ibus & glossis.

[Genuae] : [impressit miro ingenio Petrus Paulus Porrus] : [in aedibus Nicolai Iustiniani Pauli], [anno christiane salutis, millesimo quingentesimo sextodecimo] [1516].

BGUC RB-21-4

4.2 Apresentou-se com um livro na mão

Em 1518, Fernão de Magalhães levando certamente outra edição (Roma, 1510?) deste livro, cujo autor tinha conhecido em Cananor ou Cochim, foi propor a Carlos I de Castela, futuro Imperador Carlos V do Sacro Império, o projeto de ir até às Molucas (e voltar) navegando pelo hemisfério espanhol e assim demonstrar que as ilhas se situavam na área de influência daquele Rei.

Ludovico de VARTHEMA, 1465-1517

Itinerario del venerable varon micer Luis patricio romano.

[Seuilla] : [por Jacobo cröberger aleman], [1520].

BGUC V.T.-20-10-7

4.3 Uma larga experiência de Oriente

Com oito anos ao serviço da Coroa portuguesa, Fernão de Magalhães tinha sido um dos primeiros europeus a conhecer o Sudeste

asiático. Castanheda diz que se apresentou ao rei castelhano como *"têdo a certeza ôde aquelas ilhas jazião"*, o que talvez seja exagerado, se acaso Magalhães não acompanhou a primeira expedição de António de Abreu, em 1512.

António de HERRERA Y TORDESILLAS, 1559-1625

Descripcion de las Indias Occidentales...

Madrid : en la Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730.

BGUC 1-24-4-260

4.4 A correspondência com Francisco Serrão

Desde que naufragara em Luco-Pino, nas ilhas Banda, em 1512, residia em Ternate um grande amigo (e primo?) de Magalhães, como nesta carta diz o seu sultão: *"... em meu poder tenho Francisco Serrão que tu a esta terra enviaste..."*. Este teria conseguido remeter a Magalhães missivas encorajadoras e informações suficientemente convincentes para os patrocinadores da expedição.

Bayan SIRRULLAH, Sultão de Ternate

Carta deste Rey a Affonso d'Albuquerque [manuscrito]. [Ternate, s.d.]. F. 107-107v.

Cópia do século 18.

BGUC Ms. 166

5 Um saber português

A viagem de circum-navegação foi feita com meios castelhanos e com tecnologias portuguesas, superiores na construção naval, na instrumentação, na cartografia. Mas, para lá das tecnologias, a modernidade científica começou no início do século 16 com os portugueses, que rejeitaram os Antigos a favor da experiência como único critério de verdade, muito antes de Galileu, Bacon, Descartes ou Newton.

5.1 Desconstruindo o mundo medieval

Figuras como Duarte Pacheco Pereira, Fernando de Oliveira, Diogo de Sá, Garcia de Orta ou D. João de Castro não só observaram, experimentaram e descobriram, como teorizaram, no Portugal do século 16, o primado da experiência para o entendimento do mundo. Esta atmosfera científica “moderna” estava generalizada entre as elites portuguesas ligadas à expansão.

Diogo de SÁ, fl. 1549

De nauigatione libri tres quibus mathematicae disciplinae explicantur ...
Parisiis : ex officina Reginaldi Calderii, et Claudii eius filii, 1549.

BGUC R-24-16

5.2 O incontornável Zacuto

Abraão ben Samuel Zacuto tinha trabalhado, até 1496, como astrónomo da Corte portuguesa e publicou em Leiria as suas tábuas de declinação do Sol, simplificadas pelo judeu português José Vizinho. Na segunda Década da sua *Historia general*, Antonio de Herrera y Tordesillas confirma o uso pelos pilotos de Magalhães, no Rio de Janeiro, das “*tablas del Zacuto*”.

Abraão ZACUTO, ca. 1450-ca. 1532

Almanach perpetuu[m] exactissime nuper eme[n]datu[m]
omniu[m] celi motuum cum additionib[us] in eo factis tenens com-
plementum.

[Venetijs] : [per Petrus Liechtenstein], [15 de julho de 1502].

BGUC R-25-2

5.3 A matematização do mundo físico

O Cosmógrafo-mor Pedro Nunes (1502-1578) foi dos maiores matemáticos do seu tempo. Este professor da Universidade de Coimbra

escreveu que *“manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes, não se fizeram, indo a acertar; mas partiam os novos mareantes mui ensinados, e providos de instrumentos e regra de astrologia. Levavam cartas mui particularmente rumadas e não já as de que os antigos rezaram”*.

Pedro NUNES, 1502-1578

Libro de Algebra en arithmetica y geometria.

En Anvers : en casa de los herederos d’Arnoldo Birckamn a la Gallina gorda, 1567.

BGUC R-16-7

5.4 Matemáticas aplicadas

A ideia de que Portugal no século 16 só produziu o “grande” Pedro Nunes, esquece todas as matemáticas associadas às necessidades do comércio e do cálculo. Nomes hoje quase esquecidos no domínio das matemáticas são, por exemplo, os de Gaspar Nicolas, Domingos Peres, Ruy Mendes e Bento Fernandes.

Gaspar NICOLAS, séc. 16

Pratica d’arismetica.

Envers : Erederos de Arnoldo Byrkman, 1573.

BGUC RB-16-21

5.5 Contra o “sigilo”, a espionagem

Jaime Cortesão encontrou evidências na correspondência diplomática espanhola da ambivalência ou mesmo da corrupção de astrónomos e cartógrafos portugueses, Diogo Lopes de Sequeira, Lopo Homem (ambos representantes portugueses na Junta de Badajoz-Elvas), Simão Fernandes e um dito *“el Negro”*, que será o afro-lusitano Pedro Reinel (ca. 1462-ca. 1542).

Jaime CORTESÃO, 1884-1960

[Carta de] Jaime Cortesão [para] Armando Cortesão, [França], 9 maio 1939 [manuscrito]. 1 f. (4 p.).

BGUC Ms. AC 3 / 46

6 As fontes da época

Além das fontes literárias, são importantes para o conhecimento da viagem de Magalhães-Elcano os interrogatórios a marinheiros, os roteiros dos pilotos e os relatórios enviados para o Rei português a partir das Molucas, que se conservaram manuscritos. Aqui, mostraram-se apenas algumas fontes publicadas no século 16 e inícios do 17.

6.1 A carta de Maximiliano Transilvano

O primeiro relato em latim que, pela sua novidade, foi logo impresso em Colónia (janeiro de 1523), fora enviado ao cardeal-arcebispo de Salzburgo, Matthäus Lang (1469-1540) por Maximiliano Transilvano (Maximiliaen von Sevenborgen), que entrevistou os sobreviventes da viagem à sua chegada a Espanha, em 1522.

MAXIMILIANUS TRANSYLVANUS, ca. 1490-ca. 1538

Epistola ... nellaquale si descriue l'admirabile & stupenda nauigatione...

In:

Il viaggio fatto da gli spagnivoli a torno a'l mondo.

[Venezia] : [Stamperia de Giunti], [1536].

BGUC R-35-6

6.2 O testemunho de Pigafetta

O testemunho presencial que Antonio Pigafetta redigiu em francês e ofereceu pelas cortes europeias só foi impresso anos mais tarde, primeiro abreviadamente em francês e, depois, nesta tradução em

italiano. É considerada a principal fonte literária sobre a expedição de Magalhães-Elcano.

Antonio PIGAFETTA, ca. 1480-ca. 1534

Descrittione seconda del sopradetto viaggio.

In:

Il viaggio fatto da gli spagnivoli a torno a'l mondo.

[Venezia] : [Stamperia de Giunti], [1536].

BGUC R-35-6

6.3 A chegada à historiografia

As primeiras referências à viagem publicadas em Espanha existem nas *Décadas* de Pedro Mártir, na raríssima edição de Alcalá, de 1530, que a BGUC não possui.

Só em 1552, se volta a fazer uma extensa referência a Magalhães, nos capítulos 90 a 97 da *Historia* de Francisco López de Gómara, que existe nos nossos fundos e se mostra aqui.

Francisco LÓPEZ DE GÓMARA, 1511-1562?

La Historia general de la Indias, y todo lo acaescido en ellas dende que se ganaron hasta agora. Y la conquista de Mexico, y de la nueva España.

En Anvers : por Martin Nucio, [1554]. 2 vol.

BGUC R-7-15 (apenas o vol. 1)

6.4 Em letra de forma, em Coimbra

Castanheda é o primeiro cronista português a referir-se numa obra impressa à viagem, que trata com mais detalhe no Livro VI (cap. vi-x), publicado em 1554. Os oito volumes da *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses* de Castanheda começaram a editar-se em 1551 em Coimbra, onde Castanheda era Bedel de Artes e Guarda da Livraria da Universidade.

Fernão Lopes de CASTANHEDA, m. 1559

História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses.
Coimbra : por João de Barreyra : [João Alvarez], 1551-[1561]. [8] vol.
BGUC V.T.-18-9-6 (Livro 6, vol. 5)

6.5 As fontes privilegiadas de Barros

João de Barros descreve a viagem nos capítulos 8 a 10 da sua *Década* terceira. Tendo sido feitor da Casa da Índia e da Mina, conheceu detalhes sobre a estadia dos espanhóis nas Molucas, por via do relato do seu parente Duarte de Resende, que teve na mão papéis dos cosmógrafos Rui Faleiro e Andres de Sán Martín, além dos inquéritos aos sobreviventes da travessia do Pacífico.

João de BARROS, 1496-1570

Terceira decada da Asia de Joam de Barros : dos feytos que os portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente.

Em Lisboa : Por Joam de Barreira, 1563.

Biblioteca Central UCFL CF D-8-15

6.6 Visto pelo cavaleiro António Galvão

No mesmo ano em que Barros edita a sua *Terceira Década*, publica-se também em Lisboa, postumamente, o estimado *Tratado* de António Galvão. Apesar de ter sido comandante da fortaleza de S. João Batista de Ternate, nas Ilhas Molucas, a passagem da “Armada das Especiarias” ocupa-lhe aí poucas folhas (44v-45 e 46v-47).

António GALVÃO, 1490?-1557

Tratado ... dos diuersos & desuayrados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India às nossas partes ...

[Lisboa] : em casa de loam da Barreira, Rua de Sã[o] Mamede, 15 Dezembro 1563.

BGUC R-14-4

6.7 A visão de Damião de Góis

Como não podia deixar de ser, o cronista Damião de Góis refere-se à “traição” de Fernão de Magalhães na Quarta Parte da sua *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*. A sua fonte é sobretudo Barros. Mostra-se aqui um dos 3 exemplares da edição *princeps* que a BGUC possui nos seus fundos reservados e que também disponibilizou em *Alma Mater*.

Damião de GÓIS, 1502-1574

Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel composta per Damiam de Goes diuidida em quatro partes...

Em Lisboa : em casa de Francisco Correa, 1566-1567. 4 v.

BGUC RB-22-6

6.8 A crítica de Jerónimo Osório

O humanista D. Jerónimo Osório acentua no seu *De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae* impresso em Lisboa, por António Gonçalves, em 1571 (ou 1572), a questão moral da “traição” e as questões científicas da determinação da longitude, mas da viagem propriamente pouco diz.

Jerónimo OSÓRIO, 1506-1580

De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae invictissimi virtute et auspicio gestis libri duodecim.

Olysippone : apud Antonium Gondisalu[m], 1571.

BGUC V.T.-18-10-22

6.9 A última fonte

Porque representa o fim do ciclo moluquenho, fechamos esta bibliografia quinhentista sobre Magalhães-Elcano com a obra já tardia de Bartolomé de Argensola, que trata especificamente da conquista das Molucas, uma encomenda feita ao autor pelo presidente do *Consejo de Indias*, Don Pedro Fernández de Castro, Conde de Lemos (1576-1622).

Bartolomé LEONARDO DE ARGENSOLA, 1562-1631
 Conquista de las Islas Malucas al rey Felipe III N.S.
 En Madrid : por Alonso Martin, año 1609.
 BGUC 1-21-5-332

7 O valor da viagem de Magalhães-Elcano

Magalhães realizou um feito extraordinário de navegação por mares totalmente desconhecidos, mas foi morto nas Filipinas, numa bravata suicidária. Elcano conseguiu trazer a nau *Victoria* de volta a Espanha, completando a viagem de circum-navegação sem apoios em terra e evitando os navios portugueses. Ambos foram extraordinários e devem ser comemorados. Comemorar quer dizer “*lembrar em coletivo*” o que deve ser feito por Portugal e por Espanha, sem vedetismos nem exclusividades.

7.1 A circum-navegabilidade do globo

Nesta obra geográfica, Piccolomini (o futuro Papa Pio II) duvidava, como outros intelectuais da Idade Média, da possibilidade de circum-navegação da Terra. Se não demonstrou a esfericidade (que não precisava de mais demonstração), a viagem de Magalhães-Elcano provou, pelo menos, que os mares não eram fechados e que o globo era circum-navegável.

Enea Silvio Bartolomeo PICCOLOMINI, 1405-1464

...Opera geographica et historica...

Helmstadii : Impensis Joh. Melch. Süstermanni, [1699].

Acrescento de f. preliminares e novo rosto, com a data de 1707.

BGUC S.P.-Y-2-7

7.2 Os conhecimentos geográficos

A viagem proporcionou-nos a visão de um planeta coberto sobretudo por mares, desvendou a verdadeira dimensão do que se

chamava o *Oceanus Orientalis*, ou *Mar do Sul*, conhecido depois de Fernão de Magalhães (que assim o nomeou) como *Oceano Pacífico* e apressou à distinção entre a Ásia e o novo continente americano.

PTOLOMEU, séc. 2

Geographia Cl. Ptolemaei Alexandrini / olim a Bilibaldo Pirckheimerio trãslata...

Venetis : apud Vincentium Valgrisium, 1562.

BGUC 1-6-4-338

7.3 As novas antropologias

Não foram só novas terras e mares, a viagem mostrou novos seres humanos, presentes em todas as latitudes do mundo, desde os “gigantes” da Patagónia aos chamorros de Guam (Ilha dos Ladões), que desconheciam a propriedade privada e que tomaram posse de tudo o que lhes agradou nos navios da “Esquadra das Especiarias”.

Joris van SPILBERGEN, 1568-1620

Miroir Oost en West-Indical, auquel sont descriptes les deux dernieres Navigations, faictes es années 1614. 1615. 1616. 1617. & 1618...

Amstelredam : chez Ian Iansz. sur l'Eau, a la Pas-carte, 1621.

BGUC 1-6-10-233

7.4 Mal-visto em Portugal

Portugal parece não ter perdoado a traição do português mais famoso em todo o mundo. Sintomático disso mesmo é que do testemunho essencial de A. Pigafetta se tenham feito (até 1975) 10 edições francesas, 14 italianas, 15 espanholas, 14 inglesas e apenas 1 tradução portuguesa, que aqui se mostra. Só recentemente o texto em português voltou a ficar acessível entre nós.

4º VISCONDE DE LAGOA, 1898-1957

Fernão de Magalhães : a sua vida e a sua viagem.

Lisboa : Seara Nova, 1938. 2 vol.
I. Hist Exp Ultramarina UCFL 6-3-25/26 (VL)

7.5 Um feito irrepetível

No seu relato, Pigafetta escreveu: *"Et je crois que jamais homme n'entreprendra de faire tel voyage"*, no que teve alguma razão: os espanhóis utilizaram para o comércio com o Oriente e a China quase exclusivamente a rota do Galeão de Manila a partir de Acapulco, sem recurso à perigosa travessia do Estreito de Magalhães.

Nicolas de LARMESSIN, 1632-1694

Fernand Magellan [iconografia].

In:

Academie des sciences et des arts / par Isaac Bullart.

A Brusselle : chez François Foppens, libraire, 1695.

BGUC 1-23-11-201 (vol. 2)

“Sou um tipo que faz coisas” : Cruzeiro Seixas (1920-2020) / “I’m a stuff maker” : Cruzeiro Seixas (1920-2020)

Sala do Catálogo da BGUC, 3 março a 7 maio 2021

Ficha técnica

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Artur do Cruzeiro Seixas, um dos nomes maiores do Surrealismo português e europeu, nasceu a 3 de dezembro de 1920, na Amadora.

Frequentou, a partir de 1935, a Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, onde conheceu Marcelino Vespeira, António Domingues, Fernando José Francisco, Fernando Azevedo, Júlio Pomar e, em especial, Mário Cesariny, com quem manteve uma longa e intensa amizade.

Depois de uma breve incursão pelo Neorrealismo, Cruzeiro Seixas ligou-se ao movimento surrealista. Veio a integrar o Grupo Surrealista de Lisboa, fundado em 1947 e liderado por Cesariny, de que se tornou uma das figuras de destaque, juntamente com António Maria Lisboa, Pedro Oom e Carlos Calvet, entre outros.

O fascínio das viagens levou-o a ingressar, em 1950, na Companhia Nacional de Navegação e a viajar até às antigas colónias, percorrendo

a Índia e o Extremo Oriente, até Macau e Timor. Acabou por fixar-se, em 1951, em Angola. Aí permaneceu durante catorze anos, visitando o interior em descoberta da arte indígena, o que lhe permitiu reunir uma valiosa coleção etnográfica. Em Angola, desenvolveu também uma parte significativa da sua obra, artística e literária. Em Luanda realizou mesmo a sua primeira exposição individual, a 24 de outubro de 1953, nos Salões do Cinema Restauração. Saiu de Angola em 1964, para fugir à guerra colonial.

Após o regresso a Lisboa dirigiu, entre 1968 e 1974, a Galeria São Mamede, e aí realizou diversas exposições de artistas, como Mário Cesariny, Júlio, Vieira da Silva, Mário Botas ou Henri Michaux.

Nos anos seguintes participou em diversas exposições individuais e coletivas, como na XII Exposição Surrealista de S. Paulo (em 1969), numa exposição com Raúl Perez e Philip West (em Amsterdão, em 1977), na exposição *Presencia Viva* de Wolfgang Paalen (no Museu do México, em 1979) e, em 1984, em Montreal, na coletiva *Le Surréalisme Portugais*, entre outras.

Em 1993, Cruzeiro Seixas doou uma parte dos seus trabalhos à Biblioteca Nacional; em 1999, fez à Fundação Cupertino de Miranda a doação da sua valiosa coleção, com vista à criação do Centro de Estudos do Surrealismo e do Museu do Surrealismo.

Em 1986, publicou o livro de poemas “Eu falo em chamas”, com ilustrações surrealistas e uma introdução de André Coyné. No mesmo ano, foi publicado pela Fundação Cupertino de Miranda um álbum com a reprodução de 230 obras, de vários autores, da coleção de Cruzeiro Seixas adquiridas por esta fundação.

O álbum de desenhos e poemas “O que a luz oculta” foi editado em 2000, ano em que foi publicado também, pelo Centro de Estudos do Surrealismo, “Retrato sem rosto”, que reuniu em livro os seus poemas.

Artista multifacetado, Cruzeiro Seixas repartiu a sua atividade criativa pelo desenho, pintura, produção de objetos, execução de cenários para a Companhia Nacional de Bailado e para o Bailado

Gulbenkian e ainda a ilustração de livros assinados por autores como Mário Cesariny, Mário Henrique Leiria ou Natália Correia.

Foi homenageado em 2018 pelo Presidente da República e pelo Centro Português de Serigrafia, que editou durante muitos anos a sua obra e que lançou, nesta ocasião, o “Catálogo de Obra Gráfica e Múltiplos de Arte”.

A sua obra está representada nas coleções de diversas instituições, como a Biblioteca Nacional de Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Cupertino de Miranda, o Museu do Chiado e o Museu Nacional de Machado de Castro, entre outras.

Artur do Cruzeiro Seixas faleceu em novembro de 2020, a poucos dias de completar o seu centenário.

Catálogo

ANTOLOGIA de poesia portuguesa erótica e satírica : (dos cancioneros medievais à actualidade). Sel., pref. e notas de Natália Correia ; il. de Cruzeiro Seixas. [S.l.] : Ed. de Fernando Ribeiro de Melo, [1966?].

RB-2-39

CESARINY, Mário, 1923-2006

A cidade queimada : poema de Mário Cesariny de Vasconcelos ; com um frontispício do A. e três desenhos hors-texte de Artur do Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Ulisseia, 1965.

RB-42-6

- Titânia. Desenhos de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2007.

9-(1)-6-27-26

CRUZEIRO Seixas : sou um tipo que faz coisas : objetos, colagens, programação cultural. [Coord. Ed. Rui Manuel Almeida, Susana Pina]

; [textos João Lima Pinharanda, Perfecto E. Cuadrado, Rui Manuel Almeida]. [Lisboa] : Museu da Presidência da República, D.L. 2015.

4-(1)-8-2-30

CUNHA, Hélio, 1948-

Pintura desenho palavras. [Pref. de Cruzeiro Seixas] ; [textos de Aida Sousa Dias ... et al.]. 1.^a ed. Lisboa : Chiado Editora, 2016.

4-(1)-1-36-53

DE MÁRIO Cesariny para Artur Manuel do Cruzeiro Seixas. II. Cruzeiro Seixas ; posf. Ernersto Sampaio ; ed. Perfecto E. Cuadrado. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão, cop. 2009.

10-(1)-1-20-11

GALERIA São Mamede

Primeira exposição do surrealismo ou não. [Org.] Galeria S. Mamede ; coord. Artur do Cruzeiro Seixas, Francisco Pereira Coutinho. [Lisboa] : Galeria S. Mamede, 1994.

5-10-72-129

GUERRA, Álvaro, 1936-2002

Do general ao cabo mais ocidental. [Lisboa] : Edições Afrodite, [1976].

5-33-50-65

HÉLDER, Herberto, 1930-2015

Flash. [S.l.] : H. Helder, 1980 imp. (Lisboa : Tip. Ideal).

5-6-53-62

LEIRIA, Mário Henrique, 1923-1980

Casos de direito galático : o mundo inquietante de Josela : (fragmentos). II. de Cruzeiro Seixas. [Lisboa] : Editorial República, imp. 1975.

5-33-44-39

- Casos de direito galático e outros textos esquecidos. 1.^a ed. Silveira : E-Primatur, 2016.

4-(1)-8-11-5

- Imagem devolvida : poema-mito. II. Cruzeiro Seixas ; nota Mário Cesariny de Vasconcelos. Lisboa : Plátano Editora, 1974 imp.

5-43-75-14

- Obras completas de Mário-Henrique Leiria. Introdução, organização e notas de Tania Martuscelli ; [il. de Cruzeiro Seixas]. 1.^a ed. Silveira : E-Primatur, 2017- (3 vols.).

4-(1)-15-3

LETRIA, José Jorge, 1951-

Cruzeiro Seixas : a liberdade livre. Rev. Helder Guégués. 1.^a ed. Lisboa : Guerra & Paz, 2014.

9-(1)-8-29-95

MATSINHE, Inácio, 1945-

Pinturas de Inácio Matsinhe. [Lisboa : Prisma 73, 1974].

6-19-16-38

MEIRELES, Isabel, 1929-

Le livre du tigre. Dessins de Cruzeiro Seixas. [S.l.] : Ed. do A., 1976, imp. 1977 (Lisboa : Tip. Henrique Torres).

6-9-10-92

PESSANHA, Camilo, 1867-1926

Clepsydra. Ensaio de ed. de Gustavo Rubim. Des. de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Colóquio/Letras, 2000.

8-(2)-18-22-27

ROSA, António Ramos, 1924-2013

Declives. Desenhos de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Contexto, imp. 1980.
5-43-69-49

SALAVISA, Eduardo, 1950- ; MATOS, Margarida Gaspar de
Linguagem visual. Apres. Cruzeiro Seixas. [S.L.] : Luso Livro, 1993
(Lisboa : Lit. Amorim).

5-32-11-21

SEIXAS, Cruzeiro, 1920-2020

Cruzeiro Seixas expõe 24 desenhos de 1972. Lisboa : Galeria S.
Mamede, 1972.

5-17-30-153

- Cruzeiro Seixas de 1940 a 2017 : exposição de pintura. Textos
de Ernesto Sampaio, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas ; [org. Galeria o
Rastro, Artview] ; [design, fotografia Jaime Serpa]. Figueira da Foz :
Galeria O Rastro, D.L. 2017.

4-(1)-9-28-12

- O espírito das coisas invisíveis. 1.^a ed. Vila Nova de Famalicão :
Loja das Quasi, 2008.

9-(1)-9-33-2

- Eu falo em chamas : poemas. Introd. de André Coyné. Guimarães
: Galeria Gilde, 1986.

6-42-6-8

- Nos labirintos que inventei. [Coordenação Alexandra Silvano] ;
[textos Bruno Navarro, Alexandra Silvano] ; [tradução Mário Reis] ; [foto-
grafia Francisco Palma, Paulo Costa]. [S.L.] : Fundação Côa Parque, 2019.

4-(1)-28-30-8

- O que a luz oculta : poemas. Pref. Maria João Fernandes. Porto : Galeria Arte & Manifesto, D.L. 2000.

6-9 A-1-56

- Obra poética. Org. de Isabel Meyrelles. 1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Quasi Edições, 2002-

8-(2)-17-6 (V. 1)

- Obra poética. Org. Isabel Meyrelles. 1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Quasi : Fundação Cupertino de Miranda, [200-?]-. (Vol. 2 e 3)

8-(2)-17-6

- Onze gavetas forradas de espelho : poemas inéditos. Pesquisa, transcrição, fixação do texto e estudo prefacial de António Cândido Franco ; pesquisa, transcrição, fixação do texto e projecto gráfico de Luiz Pires dos Reis ; [fot. Xénia Pereira e Raquel Nobre Guerra]. [S.l.] : Edições Sem Nome, 2018 (Europress - Indústria Gráfica)

4-(1)-22-21-7

- Os passos lado a lado : com artistas do Hospital Júlio de Matos. Org. Hospital Júlio de Matos... [et al.] ; colab. Sandro Resende ; fot. José Azevedo, Sandro Resende. [Lisboa] : Sala Polivalente Hospital Júlio de Matos, D.L. 2001.

6-9 A-1-91

- Viagem sem regresso : poesia e pinturas. Lisboa : Tiragem Limitada, 2001.

5-11 A-1-59

SEIXAS, Cruzeiro, 1920-2020; LUZ, Alfredo

- Impossivelmente real : cadáver escondido. [Org. Galeria Artview, Galerio O Rastro]. Lisboa : Artview ; Figueira da Foz : O Rastro, D.L. 2019.

4-(1)-28-30-6

VARELA, Joana Morais, 1952-
Os amores perfeitos. II. [de] Artur Cruzeiro Seixas. Lisboa : Contexto, imp. 1983.
5-17-19-3

Livros sagrados / Sacred books

Sala do Catálogo, 17 maio a 11 junho 2021

Ficha técnica

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Fotografia:

José Alberto Mateus

Os livros sagrados são escritos de inspiração divina que definem o sistema de crenças e de práticas das religiões, suportam a busca espiritual do homem e orientam milhões de pessoas na senda do sobrenatural.

As principais tradições religiosas possuem um ou mais textos sagrados. Em alguns casos, a sua existência atribui-se a pessoas tidas por iluminadas – os profetas, ou os ‘sábios videntes’, a quem foi revelada a mensagem divina e a incumbência de a divulgarem.

A religião hindu tem nos Vedas (coleções de hinos, de cânticos e de fórmulas sacrificiais compostas a partir de 1500 a. C.) a sua pedra angular. Mas outros textos se acrescentaram, como as Upanixades (diálogos entre mestre e discípulo) ou a *Bhagavad-Guitá*, baseada no *Yoga* e extremamente popular.

Na China, desenvolveram-se religiões «místicas e sapienciais», onde os deuses contam pouco e o esforço se centra na autossuperação e na descoberta da jóia que existe dentro de nós. É o caso do Budismo de Siddhârta Gautama (que nasceu na Índia, mas derivou para leste),

do Confucionismo (expresso nos *Analectos*: «conversas» de K'ung Fu-tzu com os alunos) e do Taoísmo (a via do «vazio perfeito» e do regresso à natureza, cuja bandeira é o *Tao Te Ching* atribuído a Laozi).

As três grandes religiões abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islão) são conhecidas como as «religiões do livro», pois a sua conceção do divino (seja Javé, Deus ou Alá), encontra-se plasmada no *Tanakh*, na Bíblia cristã e no Alcorão.

A *Torah* (uma das peças do *Tanakh*) narra a história da criação do Mundo, de Abraão, da sua descendência e de Moisés. É a base dos monoteísmos, impregnados por uma visão ética do Mundo. A Bíblia cristã acrescenta-lhe o Novo Testamento, que faz evoluir a imagem justiceira de Deus para uma ideia de humanidade, sofrimento e redenção expressa nas figuras de Jesus e Maria. Tanto uma como outra foram escritas ao longo de mais de mil anos! Já o Alcorão é um texto revelado pouco a pouco pelo anjo Gabriel a Maomé, no século VII d.C.

A presente exposição inclui ainda outros textos sagrados matriciais de diversas tradições espirituais, como religiões do Mediterrâneo e do Crescente Fértil, do Japão, ameríndias ou nativas americanas.

Catálogo das obras expostas:

Hinduísmo

BHAGAVAD-GITÁ : como ele é. 5ª ed., rev. e ampliada. por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Los Angeles, [etc.] : The Bhaktivedanta Book Trust, cop. 2009.

8-(2)-23-39-54

DeROSE, 1944-

Sutras : máximas de lucidez e êxtase : insights sobre o amor, a vida, e a natureza humana. Porto : Afrontamento, 2006.

9-(1)-4-48-15

DVAIPAYANA, Veda-Vyasa

Bhagavad-gitá = A canção do Senhor. Trad. do sânscrito para português José Carlos Calazans. 1.^a ed. Lisboa : Ésquilo, 2010.

9-(1)-3-48-6

RAJAGOPALACHARI, Chakravarti

Mahabharata. 15th ed. Bombay : Bharatiya Vidya Bhavan Chowpaty, 1975.

6-9-10-45

RANGANATHANANDA, Swami

The massage of the Upanisads : an exposition of the Upanisads in the light of modern thought and modern needs. 2nd ed. Bombay : Bharatiya Vidya Bhavan, 1971.

5-33-77-5

THE SIVA-PURANA. Transl. by a Board of Scholars. Delhi : Motilal Banarsidass, 1970.

6-29-8

SUBRAMANIAM, Kamala, 1916-

Mahabharata. 20th ed. Mumbai : Bharatiya Vidya Bhavan, 2017.

4-(1)-22-9-31

OS UPANISHADES. Trad. da versão inglesa de Inês Busse. Mem Martins : Europa-América, [D.L. 1982].

6-48-1-317

THE UPANISHADES. Transl. by F. Max Muller. Delhi : Motilal Banarsidass, 1981. 2 vols.

5-22-32-34/35

VYASSA; CAIXEIRO, Mariana Cândida

Poema do Senhor = Bhagavad-Guitá. 1.ª ed. Lisboa : Relógio d'Água, 1996.

6-33-35-20

Budismo

BORGES, Paulo, 1959-

O sorriso do Buda : [uma introdução ao budismo]. 1.ª ed. Amadora : Farol, 2020.

4-(1)-32-17-31

BUDA

Dhammapada : o caminho da perfeição. Trad. José Luís Santos. Mem Martins : Livros de Vida, D.L. 1996.

6-33-16-82

DHAMMAPADA : las palabras del Buda. Versión trad. del Pali, introd. y notas de José Carlos Calazans ; posfácio de José Carlos Fernández. 1.ª ed. Badajoz : Esquilo, 2007.

9-(1)-6-19-34

KELSANG GYATSO, Geshe, 1932-

As instruções orais do Mahamudra : a verdadeira essência dos ensinamentos, de Sutra e de Tantra, de Buda. 1.ª ed. São Paulo : Tharpa Brasil, 2016 ; ([Sintra : Tharpa Portugal]).

4-(1)-4-22-36

LIVRO tibetano dos mortos : a grande libertação pela escuta nos estados intermédios. Composto por Padmasambhava ; revelado por Tertön Karma Lingpa ; comentário introd. de Sua Santidade o Dalai Lama ; trad. Paulo Borges e Rui Lopo ; ed. Graham Coleman com Thupten Jinpa. 1.ª ed. Lisboa : Ésquilo, 2006.

9-(1)-4-8-17

SCHWARZ, Fernand, 1951-

Bardo Thödol : o livro Tibetano dos mortos. Trad. José Maria Caselas ; rev. Eduardo Amarante, Dulce Abalada. 1.^a ed. Lisboa : Nova Acrópole, 1998.

6-33-49-59

Confucionismo (I-Ching)

CONFÚCIO, 551 a.C.-479 a.C.

Os analectos. [Trad. Maria de Fátima Tomás]. Mem Martins : Europa-América, [D.L. 1982].

6-48-1-327

- Os analectos. [Trad., int., comentários e notas Giorgio Sinedino]. [S.l.] : Levoir : Público, cop. 2017.

4-(1)-13-28

- O caminho do homem para uma vida espiritual. 1.^a ed. [S.l.] : Largebooks, 2010.

10-(1)-5-41-41

GUITA, Rui

I-Ching para portugueses. Carcavelos : Angelorum-Novalis, 2005.

8-(2)-25-6-42

SANTANA, Manuel Madeira de

I Ching : pergunte ao I Ching, pense nas repostas, decida por si. [Pref. Pedro Rolo Duarte]. 1.^a ed. Lisboa : Pergaminho, 2015.

8-110-7-30

Taoismo

LAO ZI

Tao Te Ching : livro da via e da virtude. Tradução, pref. e notas de António Graça de Abreu. 1.^a ed. Lisboa : Nova Vega, cop. 2013.

10-(1)-15-46-1

Judaísmo

BÍBLIA. A.T. Pentateuco.

Pentateuco. Estudos introd. por Manuel Augusto Rodrigues, Manuel Cadafaz de Matos. Faro : Governo Civil, 1991.

5-10-72-106

BÍBLIA. A.T. Pentateuco

Tora. [Ed. lit.] Sporpress ; trad. e introd. Luís Filipe Sarmiento. 1.^a ed. Mem Martins : Sporpres, 2003.

8-(2)-19-39-38

EIKANN, Alain, 1950-

Mitzváh. Trad. Giulia Lanciani ; rev. Sofia Graça Moura. 1.^a ed. Lisboa : Cavalo de Ferro, 2005.

8-(2)-25-18-105

GIRÓN BLANC, Luis Fernando

El Talmud. 1.^a ed. Madrid : Ediciones del Orto, 2006.

7-75 A-36-44

KABBALA denudata seu Doctrina hebraeorum transcendentalis et metaphysica atque theologica. Sulzbaci : typis Abrahami Lichtenhaleri, 1677.

4A-16-11-20

THE ZOHAR. By Rav Shimon bar Yochai from the Book of Avraham ; with the Sulam commentary by Rav Yehuda Ashlag ; edited and compiled by Rabbi Michael Berg. 4th printing. New York : Los Angeles : Kabbalah Centre International, 2011.

8-(2)-29-18-1/23

Islamismo

BIBLIANDER, Theodor, 1509-1564, e outros

Machumetis Saracenorum Principis, Eiusque Successorum Vitae, Doctrina, Ac Ipse Alcoran ... Quae Ante Annos 400 ... D. Petrus Abbas Cluniacensis, Per Uiros Eruditos [robertum Retenensem, & Hermannum Dalmatum] ... Ex Arabica Lingua in Latinam Transferri Curavit. ... Cum Doctiss. Uiri Philippi Melanchtonis Praemonitione. ... Adiuncti Sunt Etiam De Turcarum, Siue Sarracenorum ... Origine, Ac Rebus Gestis, À 900 Annis Ad Nostra Usque Tempora, Libelli Aliquot ... Haec Omnia in Unum Uolumen Redacta Sunt, Opera & Studio Theodori Bibliandri. [S.l.: s.n.], 1550.

2-8-21-2

[INTERPRETAÇÃO do último décimo do Alcorão Sagrado] ; [e em seguida Regras que interessam a todo muçulmano]. [S.l.] : [s.n.], [D.L. 2017].

4-(1)-5-18-78

MAHOMET

L'Alcoran de Mahomet. Version angloise de M. George Sale. Nouvelle edition. Amsterdam ; Leipzige : chez Arkstée & Merkus, 1775.

4 A-16-3-7

- Alcorão. Versão portuguesa de Bento de Castro. Lourenço Marques : Oficinas Gráficas de J. A. Carvalho, 1964.

5-38-8

MUSAVI LARI, Sayyid, 1935-

Os fundamentos da doutrina islâmica: Livro II - sobre a profecia. Trad. do espanhol por Jamil Ibrahim Iskandar. 3rd reprint. Qom : Foundation of Islamic, 2011.

7-6-28-23

Cristianismo

ANTIGO testamento : Génesis, Êxodo e Cântico dos Cânticos. Il. de Marc Chagall; trad. de Herculano Alves, D. António da Rocha Couto e José Tolentino de Mendonça. Lisboa : Relógio d'Água, cop. 2013.

6-31-2-108

BIBLIA Sacra polyglotta complectentia textus originales, Hebraicum, cum Pentateucho Samaritano, Chaldaicum, Graecum. Versio- numque antiquarum, Samaritanae, Graecae LXXII interp. Chaldaicae, Syriacae, Arabicae, Aethiopicae, Persicae, vulg. Lat. Quicquid compa- rari poterat. Cum textuum, & versionum Orientalium translationibus Latinis ... Cum apparatu, appendicibus, tabulis, variis lectionibus, annotationibus, indicibus, & c. Opus totum in sex tomos tributum.. Londini : Imprimebat Thomas Roycroft, MDCLV [1655]-MDCLVII [1657].

J.F. 70-1-1

BÍBLIA : Novo Testamento : os quatro Evangelhos. Trad. do texto grego, apres. e notas por Frederico Lourenço ; [coord. Francisco José Viegas]. 1.ª ed. Lisboa : Quetzal Editores, 2016.

6-50-60

BÍBLIA sagrada [documento electrónico]. Fátima ; Lisboa : Difusora Bíblica, [200-?].

CD-A-183

A BIBLIA sagrada contendo o Novo e o Velho Testamento. Trad. em portuguez pelo Padre João Ferreira d'Almeida ... Londres : impresso na officina de R. e A. Taylor, 1819.

7-40-25-1

DORÉ, Gustave, 1832-1883

A Bíblia : 230 ilustrações de Gustavo Doré com extractos do Antigo e do Novo Testamento. [Estarreja] : Moderna Editorial Laves, 2003.

RC-65-27

Outras religiões

Mórmon

O LIVRO de Mórmon : outro testamento de Jesus Cristo. Salt Lake City : A Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias, cop. 1995.

5-38-34

Xintoísmo - Japão

PHILIPPI, Donald L., 1930-1993

Kokiji : with an introduction and notes. Tokyo : University of Tokyo Press, 1968.

5-11-80-1

Maia, Azteca e Inca

POPOL Vuh. Versão, pref. e notas Ernesto Sampaio. Lousã : Hiena, 1994.

6-68-2-20

MONACO, Emanuela

Quetzalcoatl : saggi sulla religione azteca. Roma : Bulzoni Editore, cop. 1997.

7-67-17-21

EL CÓDICE Mendoza : un inestimable manuscrito azteca. Comentarios de Kurt Ross. Barcelona : Ediciones del Serval, 1985.

RC-37-2

Antigo Egipto

O LIVRO dos mortos do antigo Egipto. Lisboa : Assírio & Alvim, 1991. (Assíria ; 4).

6-14-34-23

Grécia Antiga

HESÍODO, séc. IX a.C.?

Teogonia ; Trabalhos e dias. Pref. Maria Helena da Rocha Pereira ; introd., trad. e notas Ana Elias Pinheiro, José Ribeiro Ferreira. 2.^a ed. Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2014.

10-(1)-17-25-4

Fernando Pessoa (1888-1935)

Sala do Catálogo da BGUC, 14 a 25 junho 2021

Ficha técnica

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Fernando António Nogueira Pessoa, nasceu a 13 de junho de 1888, em Lisboa, tendo ficado órfão de pai aos 5 anos. Em 1896 mudou-se para a África do Sul acompanhando a família aquando da colocação do padrasto em Durban, onde foi colocado como cônsul de Portugal. Aí recebeu uma educação tipicamente britânica ao longo de nove anos, tendo estudado no St. Joseph Convent School, um colégio de freiras, na Durban High School e na Commercial School. Aí ganhou o prémio Rainha Vitória na Universidade do Cabo da Boa Esperança, em 1903, no exame de admissão, quando contava 15 anos. Em 1905, regressou a Portugal para frequentar o Curso Superior de Letras, que viria a abandonar em 1907.

Nos anos subsequentes, desenvolveu diversas atividades, como editor, crítico literário, jornalista, publicitário e tradutor. Criou em 1909 uma pequena tipografia, «Empreza Ibis - Typographica e Editora», que faliu pouco tempo depois.

Conjuntamente com outros intelectuais, onde se destacam os nomes de Mário de Sá Carneiro e José de Almada Negreiros, fundou, em 1915, a revista *Orfeu*, da qual apenas seriam publi-

cados dois números. Nesta revista foram publicados os poemas “Ode Triunfal” e “Opiário”, escritos por “Álvaro de Campos”, que causaram na altura reações violentas. Cerca de dez anos depois, dirigiu com o pintor Ruy Vaz, a revista *Athena*, da qual apenas se publicaram, entre outubro de 1924 e fevereiro de 1925, cinco números.

Pessoa mostrou muito pouco do seu trabalho em vida, publicando apenas quatro obras: *35 Sonnets* e *Antinous*, ambas em 1918, *English Poems*, em 1921 e *Mensagem*, em 1934, obra que foi premiada, pelo Secretariado de Propaganda Nacional.

Referiu-se, do seguinte modo, aos vários heterónimos que adotou (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis), em carta dirigida a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935: “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida”.

Tendo sido internado no dia 28 de novembro de 1935, no Hospital de S. Luís dos Franceses, onde lhe foi diagnosticada uma cólica hepática, Fernando Pessoa veio a falecer no dia 30.

Bibliografia ativa

1. Poesia

PESSOA, Fernando, 1888-1935

Antinous : a poem. Lisbon : Monteiro & C., 1918.

RB-3-35

- *35 sonnets*. Lisbon : Monteiro & C., 1918.

RB-3-34

- English poems: I - II. Lisbon : Olisipo, 1921.
RB-3-35 A

- Mensagem. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.
RB-25-29 e 29 A

- Mar português: doze poemas. Macau: Ed. Propaganda Cultural, 1936.
RB-9-21

- À memória do Presidente-Rei Sidónio Paes. [Lisboa]: Editorial Império, 1940.
RB-25-28

- Mensagem. 2.^a ed. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1941.
RB-4-33

2. Obras completas

- PESSOA, Fernando, 1888-1935
Poesias de Fernando Pessoa. Lisboa : Ática, 1942.
5-33-29
- Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa : Ática, 1944.
5-33-29

 - Odes de Ricardo Reis. Lisboa : Ática, 1945.
5-33-29

 - Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa : Ática, 1946.
5-33-29

- O encoberto: poema que em versos lusiadas compoz Fernando Pessoa. [Porto: s.n., 1951?].

5-44-27

- Poemas dramáticos. Lisboa : Ática, 1952.

5-45-21

- Poemas ocultistas. Seleção e glosa de Petrus ; [des. de Manuel Lapa]. [S.l. : s.n., D.L. 1952].

5-46-2

- Poemas inéditos destinados ao nº. 3 do "Orpheu" ; com um pref. de Adolfo Casais Monteiro ; [retrato inédito de Rodríguez Castañé]. Lisboa : Inquérito, 1953.

5-48-17

- Distância constelada. Porto: Parnaso, [1955?].

5-44-5

- Poesias inéditas (1930-1935). Lisboa : Ática, 1955.

5-39-3

- Ode marítima. [Lisboa] : Ática , imp. 1959.

5-44-45-19

- Hora absurda: (ortografia da época). [Lisboa] : Jorge Cabrita, 1988.

6-38-21-98

3. Prosa

PESSOA, Fernando, 1888-1935

Ultimatum de Álvaro de Campos. "Portugal Futurista". Lisboa. Nov. 1917, p. 30-34.

RC-1-37

- Ultimatum de Álvaro de Campos sensacionista. Porto : Editorial Cultura, [1951?].

5-45-22

- Aviso por causa da moral e outros textos de intervenção de Álvaro de Campos. Lisboa : Editorial Nova Ática, DL 2007.

9-(1)-9-20-75

- O interregno: defeza e justificação da dictadura militar em Portugal. [Porto] : Documentos Poéticos C.E.P., [1952?].

5-46-7

- A maçonaria vista por Fernando Pessoa e Norton de Matos. [Porto : C.E.P.], [1952?].

5-46-2

- A nova poesia portuguesa. Pref. de Álvaro Ribeiro. Lisboa : Editorial Inquérito, 1944.

9-(11)-19-1-43

- Páginas de doutrina estética. Selecção, pref. e notas de Jorge de Sena. Lisboa : Editorial Inquérito, imp. 1946.

5-40-23

- O preconceito da ordem: com uma nota de Álvaro Bordalo. Porto : [s. n.], 1949.

5-43-29

- A nossa crise: seus aspectos político, moral e intelectual; com uma nota de Ávaro Bordalo. Porto : [s. n.], 1950.

5-44-5

- Apreciações literárias : bosquejos e esquemas críticos. Porto : Editorial Cultura, [1951?].

5-45-3

- Narração exacta e comovida do que é o conto do vigário. Porto : [s.n.], imp.1951.

RC-98-19

- Crónicas intemporais. Selecção e comentários de Petrus. [S. l.] : Centro Editorial Português, [1952?].

9-(11)-17-2-38

- Sociologia do Comércio. [Porto] : C.E.P., [195-?].

9-(11)-17-2-31

- Análise da vida mental portuguesa : ensaios críticos. 1. ed. Porto : Edições Cultura, [D. L. 1951?].

5-45-3

- Regresso ao sebastianismo : Fernando Pessoa e outros lusíadas. Porto : [s.n., 1952?].

5-46-2

- Hiram: filosofia religiosa e ciências ocultas. Notas e postfácio de Petrus. [Porto] : C.E.P., [1953?].

5-47-16

- Elogio da indisciplina: páginas livres. [Porto] : C. E. P., [1953?].

5-46-32

- O "Orpheu" e a literatura portuguesa. Trad. Tomaz Kim. Lisboa : Tricórnio, [1953?].

5-46-39

- Ensaio políticos : ideias para a reforma da política portuguesa. Porto : Edições Acrópole, C. E. P., [1954?].

5-10-19

- Exórdio em prol da filantropia e da educação física: (páginas desconhecidas); [des. de Manuel Lapa]. Porto : Editorial Cultura, [1956?].

5-23-37

- Apologia do paganismo. Porto : Editorial Cultura, [1957?].

5-52-25-28

- O banqueiro anarquista e outros contos de raciocínio. Antologia organizada e prefaciada por Fernando Luso Soares. Lisboa : Editora Lux, 1964.

5-42-22

- Almas e estrelas : Horas espirituais. Porto : Arte e Cultura, [1966?].

5-30-7

- Páginas de estética e de teoria e crítica literárias. Textos estabelecidos e pref. por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho ; trad. dos textos ingleses por Jorge Rosa. Lisboa : Ática, [1967?].

5-47-1

- Textos para dirigentes de empresas. Lisboa : Cinevoz, 1969.

5-7-31-60

- Barbearias ; Fot. Alexandre Delgado O'Neill. 1ª ed. Lisboa : Rolim, 1986.
5-11-41-71

- A hora do diabo. Posf., pesq., trans. e org. de texto de Teresa Rita Lopes. Lisboa : Assírio e Alvim, imp. 1997.
6-47-33-52

- Como organizar Portugal. Lisboa : Nova Ática, imp. 2006.
10-(1)-10-8-4

- A essência do comércio e outros textos de teoria económica. Lisboa : Nova Ática, imp. 2006.
10-(1)-1-1-53

4. Colaboração em publicações periódicas

PESSOA, Fernando, 1888-1935

A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia*.
Porto. S. 2, n. 4 (abr. 1912), p. 101-107.
9-(3)-20-36

- Impressões do crepúsculo. *A Renascença*. Lisboa. N. 1 (fev. 1914),
p. 11.
10-11-7-7

- O marinheiro: drama estático em um quadro. *Orpheu*. Lisboa.
Reedição. A. 1, n. 1 (jan./mar. 1915), p. 33-53.
10-17-18-7

- O banqueiro anarchista. *Contemporanea*. Lisboa. Ed. fac-simil. A.
1, n. 1-3 (maio-jul. 1922), p. 5-21.
10-9-18

- Athena. *Athena*. Lisboa. V. 1, n. 1 (out. 1924), p. 5-8.
10-1-15-9

- A essência do comércio. *Revista de Comércio e Contabilidade*. Lisboa. V. 1, n. 1 (jan. 1926), p. 7-11.
10-1-15-2

- Do Livro do Desassossego, composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. *Presença*. Coimbra. N. 34 (nov.-fev. 1932), p. 8.
10-3-18-10

5. Traduções

PESSOA, Fernando, 1888-1935

Ode maritime. Traduit du portugais par Armand Guibert. Paris : Pierre Seghers, cop. 1955.
6-9-5-33

- Autopsühhograafia : luulevalimik. portugali keelest tõlkinud [ja järelsõna kirjutanud] Ain Kaalep. Tallinn : Perioodika, 1973.
7 B-6-3-6

- Oda marítima de Alvaro de Campos. Trad. y nota introd. de Carlos Montemayor ; [il. de Daniel Kent]. México, D.F. : Universidad Autónoma de México, Dirección General de Difusión Cultural, Departamento de Humanidades, [198-?].
7 B-6-3-3

- Ploaie oblica. Trad. si cuvint inainta de Roxana Eminescu. Bucuresti : Editura Univers, 1980.
6-27-9-10

- The book of the disquietude. Translated with an introduction by Richard Zenith. Manchester : Carcanet : Calouste Gulbenkian Foundation, 1991.
7-63-2-1

- Mensaje = Mensajem. Apresentação de Eduardo Lourenço ; versão espanhola de Jesús Munárriz. Madrid : Hiperión, 1997.
7 B-6-2-51

- Le banquier anarchiste. Traduit du portugais par Françoise Laye. [Paris] : Christian Bourgois Éditeur, cop. 2000.
7 B-6-2-48

- El banquero anarquista. Trad. y pról. de Jorge Gimeno. Valencia : Pre-Textos, 2001.
7 B-6-2-24

- Message. Il. Pedro Sousa Pereira ; transl. Richard Zenith. 1.^a ed. Cruz Quebrada : Oficina do Livro, cop. 2008.
9-(1)-10-12-11

- Mensagem = Mensaje. 2.^a ed. bilingue. Introd. José Luís Fontela. Pontevedra ; Braga : Centro Internacional de Estudos Lusófonos das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, 2011.
10-(1)-10-42-19

- Mensaje. [Introducción Mariana Lages Gomes] ; [traducción y revisión Luxury Route]. Porto : Lello Editores, 2017.
4-(1)-7-16-73

- Messaggio. [Introduzione Mariana Lages Gomes] ; [traduzione e revisione Luxury Route]. Porto : Lello Editores, 2017.
4-(1)-7-16-75

Bibliografia passiva

LANCASTRE, Maria José de, 1946-
Fernando Pessoa: imagini della su vita. Milano : Adelphi, imp.
1988.

7-75-14-39

- Fernando Pessoa: uma fotobiografia. Lisboa : Quetzal, 1996.

5-56-30-9

- Fernando Pessoa: uma fotobiografia. 3.^a ed. Lisboa : INMC, Centro
de Estudos Pessoaanos, 1984 imp.

5-22-29-30

NOGUEIRA, Manuela

Fernando Pessoa: imagens de uma vida. 2.^a ed. Lisboa : Assírio e
Alvim, 2005.

8-(2)-25-15-56

ZENITH, Richard, 1956-

Fotobiografias século XX: Fernando Pessoa. Lisboa : Círculo de
Leitores, 2008.

8-(2)-26-30-34

(Página deixada propositadamente em branco)

José Saramago (1922-2010)

Sala do Catálogo da BGUC, 30 junho a 30 julho 2021

Ficha técnica

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Produção:

Noozle Lda.

José Saramago nasceu a 16 de novembro de 1922, em Azinhaga, concelho da Golegã, filho de José de Sousa (1896-1964) e de Maria da Piedade (1898-1982), originariamente agricultores que se mudaram para Lisboa em 1924, ainda Saramago não completara dois anos, numa altura em que o pai ingressou na Polícia de Segurança Pública.

O apelido Saramago advém-lhe do facto de, aquando da sua inscrição na escola primária, o funcionário do Registo Civil da Golegã ter incluído no apelido a alcunha familiar.

A maior parte da sua vida decorreu em Lisboa, onde realizou estudos liceais e técnicos e onde desenvolveu a sua atividade profissional: inicialmente como serralheiro mecânico, depois como desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, mais tarde como tradutor, editor ou jornalista.

Foi crítico literário na revista Seara Nova e, entre 1972 e 1973, jornalista no *Diário de Lisboa*, como comentador político e como coordenador do suplemento cultural. Foi ainda colunista na *Capital*, no *Jornal do Fundão*, no *Diário de Lisboa* e no *Diário de Notícias*, entre outros.

O seu primeiro livro, o romance *Terra do Pecado*, foi publicado em 1947. Em 1966, surgiu o seu primeiro livro de poesia, intitulado *Os Poemas Possíveis*.

A sua obra reparte-se por variados géneros literários, com especial enfoque no romance mas incluindo também poesia, teatro, conto, diários, crónicas, relatos de viagens e livros infantis.

José Saramago integrou diversas instituições. Pertenceu à Direção da Associação Portuguesa de Escritores, foi presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores (de 1985 a 1994) e foi também diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias* num período muito conturbado (entre abril e novembro de 1975).

A partir de 1976 dedicou-se exclusivamente ao trabalho literário, como autor e tradutor, tendo traduzido escritores como Maupassant, Colette ou Bonnard, entre outros. Deve-se-lhe também a tradução de uma das mais famosas obras do grande historiador francês Georges Duby, *O Tempo das Catedrais*.

Em 1988, casou com a jornalista espanhola Pilar del Río, repartindo, a partir de 1993, a residência entre Lisboa e Lanzarote, nas Canárias.

Ao longo da sua carreira literária, José Saramago recebeu inúmeras distinções e prémios, sendo o único escritor português a ganhar o Prémio Nobel de Literatura, que lhe foi atribuído em 1998.

O escritor faleceu a 18 de junho de 2010, depois de doença prolongada.

Catálogo das obras expostas:

SARAMAGO, José, 1922-2010

Terra do pecado : romance. Lisboa : Editorial Minerva, imp. 1947.
RC-96-26

- Os poemas possíveis. Lisboa : Portugália Editora, 1966.
RC-96-30

- Provavelmente alegria. Lisboa : Livros Horizonte, [1970].
RC-96-28
- Deste mundo e do outro. Lisboa : Editora Arcádia, imp. 1971.
RC-96-32
- A bagagem do viajante. Lisboa : Editorial Futura, 1973.
RC-96-20
- O embargo. II. Fernando Azevedo. Lisboa : Estúdios Cor, 1973.
RC-96-25
- As opiniões que o DL teve. Lisboa : Seara Nova, Futura, 1974.
RC-96-21
- O ano de 1993. Lisboa : Editorial Futura, 1975.
RC-96-27
- Os apontamentos. Lisboa : Seara Nova, 1976.
RC-96-33
- Manual de pintura e caligrafia: Ensaio de romance. Lisboa : Moraes Editores, 1976.
RC-96-31
- Objecto quase : contos. Lisboa : Moraes Editores, 1978.
RC-96-29
- A noite. Lisboa : Editorial Caminho, 1979.
RC-96-23

- Poética dos cinco sentidos : la dame à la Licorne. Lisboa : Bertrand, 1979.

RC-96-2

- Levantado do chão. Lisboa : Editorial Caminho, 1980.

RC-96-24

- Que farei com este livro?. Lisboa : Editorial Caminho, 1980.

RC-96-22

- Viagem a Portugal. Lisboa : Círculo de Leitores. 1981.

RC-96-1

- Memorial do Convento. Lisboa : Editorial Caminho, 1982.

RC-96-4

- O ano da morte de Ricardo Reis : romance. Lisboa : Editorial Caminho, 1984.

RC-96-18

- A jangada de pedra: Romance. Lisboa : Caminho, 1986.

RC-96-17

- A segunda vida de Francisco de Assis. Lisboa : Caminho, 1987.

RC-96-16

- História do cerco de Lisboa: Romance. Lisboa : Caminho, 1989.

6-14-59-40

- O sabor da palavra liberdade. Barreiro : Câmara Municipal, 1990.

5-6-47-13

- Obras de José Saramago. Porto : Lello e Irmão, Editores, 1991.
5-46-129
- O evangelho segundo Jesus Cristo : Romance. Lisboa : Caminho, 1991.
RC-96-39
- In nomine dei : teatro. Lisboa : Caminho, 1993.
RC-96-15
- Cadernos de Lanzarote : Diário I. Lisboa : Caminho, 1993.
RC-96-35
- Cadernos de Lanzarote : Diário II. Lisboa : Caminho, 1995.
RC-96-36
- Ensaio sobre a cegueira : romance. Lisboa : Caminho, 1995.
RC-96-10
- Cadernos de Lanzarote : Diário III. Lisboa : Caminho, 1996.
RC-96-37
- Moby Dick em Lisboa : crónicas. Lisboa : Expo'98, 1996.
6-40-17-45
- Cadernos de Lanzarote : Diário IV. Lisboa : Caminho, 1997.
RC-96-38
- O Conto da ilha desconhecida. Lisboa : Expo'98; Assírio e Alvim, 1997.
RC-96-19
- Todos os nomes : romance. 11.^a ed. Lisboa : Caminho, 1997.
10-(1)-10-9-3

- Discursos de Estocolmo. Lisboa : Caminho, imp. 1999.
RC-96-5

- Folhas políticas : 1976-1998. Lisboa : Caminho, 1999.
RC-96-14

- Viagem a Portugal. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1981.
RC-96-1

- A caverna : romance. Lisboa : Caminho, 2000.
RC-96-13

- Memorial do convento. Pinturas de José Santa-Bárbara. Lisboa : Caminho, 2002.
RC-96-4

- A maior flor do mundo. Il. João Caetano. Lisboa : Caminho, 2002.
RC-96-3

- O homem duplicado : romance. Lisboa : Caminho, 2002.
RC-96-8

- Ensaio sobre a lucidez. Lisboa : Círculo de Leitores, 2004.
RC-96-7

- Don Giovanni ou O dissoluto absolvido : teatro. Lisboa : Caminho, 2005.
RC-96-11

- As intermitências da morte. Lisboa : Círculo de Leitores, 2006.
RC-96-6

- As pequenas memórias. Lisboa : Caminho, 2006.
RC-96-9

- A viagem do elefante. Capa Rui Garrido. Lisboa : Caminho, imp. 2008.
9-(1)-9-40-19

- Caim: romance. 10.^a ed. Lisboa : Caminho, imp. 2010.
10-(1)-10-9-4

- O caderno: textos escritos para o blog : Setembro de 2008 - Março de 2009. [Lisboa] : Caminho, 2009.
RC-96-12

- Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas. Porto : Porto Editora, 2014.
10-(1)-14-29-48

- O lagarto. 1.^a ed. Porto : Porto Editora ; [Lisboa] : Fundação José Saramago, 2016.
9-13-37-117

- Claraboia. 1.^a ed. Porto : Porto Editora, 2017.
4-(1)-15-2-4

(Página deixada propositadamente em branco)

Japão e Portugal : a fusão de duas culturas nas Artes e nas Letras no século XVI / Japan and Portugal : the fusion of two cultures in Arts and Letters in the 16th century¹

Sala de São Pedro da BGUC, 19 a 30 julho 2021

Ficha técnica

Curadores:

Luísa Vinhais (*Jorge Welsh Works of Art*)

A. E. Maia do Amaral

Montagem:

Luísa Sousa Machado

José Mateus

A. E. Maia do Amaral

Logística:

Carlos Gonçalves

Ana Laura Martins

Samuel Arrojado

Colaboração e patrocínios:

12º Festival das Artes de Coimbra

Embaixada do Japão em Lisboa

Rui Simões (ESCS)

1 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o autor - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Portugal e Japão: encantos mil

Com o Festival das Artes de Coimbra tem a Biblioteca Geral da UC uma parceria que lhe tem permitido fazer anualmente um desafio:

2019, tema “Luz e Sombra”: exposição “*Os Lusíadas : Utopias de Luz e de Sombra na ilha dos amores*”, comissariada por José Augusto Bernardes;

2018, tema “Amores & Desamores”: exposição iconográfica e documental “*Tu, só tu, puro Amor : visões camonianas de Inês de Castro*”, pela equipa de Livro Antigo da BGUC;

2017, tema “Metamorfoses”: exposição “*Mutatis Mutandis: os dramas da forma*”, comissariada por Margarida Miranda.

Creio que não haverá muitas bibliotecas capazes de responder a desafios assim, variados e exigentes. Qualquer que seja o mote proposto, temo-lo convertido numa exposição coesa, digna e educativa. Sobretudo, educativa, uma exposição que ensine alguma coisa sem maçar ninguém.

Não sei se será a morbidez dos tempos da pandemia que vivemos, pessoalmente, ou a consciência do tempo longo de existência da Biblioteca da Universidade que, profissionalmente, me recordam hoje a efemeridade desta passagem pela vida e pela profissão e me convocam a um registo mais pessoal: deixar testemunho público do prazer intelectual que tem sido trabalhar numa biblioteca tão rica e tão cheia de possibilidades.

Quando Carlos Fiolhais tomou posse como diretor da Biblioteca Geral, fez-me a proposta de uma exposição sobre “Monstros marinhos”. Ainda hoje não sei se o tema lhe pareceu prometededor ou se apenas me quis testar. Deixei de me preocupar quando percebi que, num período curto do século dezasseis, no início da taxonomia, já dragões, unicórnios e sereias eram suspeitos, mas os naturalistas

não se atreviam a descartá-los dos livros, apenas porque Plínio os tinha descrito. Descobri que nos fundos da Biblioteca Geral quase nada faltava dos tratados muito ilustrados dessa época, de Conrad Gesner, Ulisses Aldovrandi e Ambroise Paré ou de imagens avulsas, em obras de G. Antonio Cavazzi, Olaus Magnus e Athanasius Kircher, por exemplo.

Sejam sobre “monstros marinhos” ou sobre a evolução do Livro, António Ramos Rosa ou Judeus e Cristãos-Novos, Camilo Pessanha ou Luiz Pacheco, a Bíblia ou a Independência do Brasil, todos os desafios expositivos podem ser enfrentados pela BGUC com confiança. Mais do que biblioteca universitária, biblioteca “universal” esta.

A prerrogativa do Festival das Artes tem sido desafiar-nos cada ano. Desta vez, o mote “Outros mundos” veio com um caderno de encargos específico: a fusão cultural *Portugal-Japão*, por forma a integrar peças *Namban* da coleção Jorge Welsch.

É certo que a fusão cultural de Portugal com o Japão nos parecia desde logo evidente, por exemplo, na gastronomia, na língua, nas festividades ou na arte *Namban*, presente nesta exposição. Também não é difícil de encontrar uma fusão em práticas científicas japonesas dos séculos dezasseis e dezassete (medicina, astronomia e linguística) ou em tecnologias (armaria, fortificação, marinharia e cartografia), mas já não é tão fácil de mostrar com livros e mapas. Principalmente quando nos faltam os melhores exemplos, os impressos produzidos em português, latim e japonês, durante o “século Cristão”, tão raros que de alguns deles não sobreviveu qualquer exemplar. A BGUC nada tem impresso em Nagasaki ou Amakusa e dá-se por satisfeita em possuir exemplares da primeira *Gramática* e *Dicionário* de língua japonesa impressos na Europa, em 1632³.

Hesitámos só por momentos: os mapas pareceram “incontornáveis” e o tema dos *livros em viagem* foi belíssima sugestão de João

3 Diego Collado, *Dictionarivm sive thesavri lingvæ laponicæ compendivm* [seguido de] *Ars grammaticæ iaponicæ lingvæ...* Romae, 1632.

Paulo Oliveira e Costa, consultor científico deste e de outros projetos da Biblioteca Geral.

Nos primeiros anos de contactos portugueses com o Japão, os livros representaram, reciprocamente, um exotismo: os primeiros *Atlas* europeus que chegaram foram examinados pelos nobres japoneses com a mesma estranheza e curiosidade com que nós olhámos para as lacas. Apreciados pela elite, cópias de *mapas-mundi* e de panoramas de cidades europeias proliferaram logo na decoração de biombos.

Mas, o encanto terá sido recíproco. O trânsito desses objetos de desejo não parou mais. Conta o jesuíta António Franco sobre as cartas do *daímio* de Bungo que do Japão trouxe para Goa o Irmão Pedro de Alcáçova, em 1554, que o Padre Belchior Nunes Barreto foi pedir autorização ao Vice-Rei para passar àquele Reino e “*indo falar com elle, o achou lendo as cartas que lhe vieram de Japam*”⁴, circunstância que entendeu como coincidência auspiciosa. Ocorre-me pensar se não se tratou antes de uma vaidosa encenação de D. Afonso de Noronha, pela raridade e valor atribuível a tais documentos, naquele tempo. Afinal, como impressionar o Provincial da Companhia de Jesus e Doutor em Cânones por Coimbra?

E diria que o encantamento pelo Japão permanece hoje na Biblioteca Geral: em 2014, acolhemos uma coleção bibliográfica muito relevante sobre a cultura japonesa (Projeto *Read Japan*, da Nippon Foundation) e a língua japonesa está presente nos produtos de divulgação turística da Biblioteca Joanina, sobretudo graças ao empenho de Ayano Shinzato Dias Pereira⁵. O Japão também tem sido nos últimos anos tema de diversas exposições bibliográficas, com a colaboração da bibliotecária Sayuri Goda. Lembro apenas a mais visível, a que organizámos na Sala de S. Pedro para integrar o

4 António Franco, *Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra...* [Coimbra], 1719, vol. 1, p. 365.

5 José Augusto Cardoso Bernardes [et al.] [*Biblioteca Joanina : uma biblioteca viva*]. Coimbra, cop. 2019. ISBN 978-989-26-1728-2.

programa social da Conferência anual da Associação Europeia de Estudos Japoneses (EAJS2017), realizada em Lisboa. O encanto não se extingue facilmente.

Para a parte bibliográfica desta exposição seleccionámos 18 livros, dispostos pelos dois temas:

Cem anos portugueses na cartografia do Japão;
Cultura e livros em viagem.

Que estes livros a todos possam instruir e a ninguém aborrecer!
A. E. Maia do Amaral

1 Cem anos portugueses na cartografia do Japão

1.1

Marco Polo tinha escrito no século 14 acerca de uma grande ilha no Mar da China chamada “Zipangu”, e de que ele apenas ouvira falar. Antes de os portugueses lá terem chegado, foi sempre representada de forma fantasiosa. De todas estas representações imaginárias, como no mapa de Gastaldi/Ramusio, a deste famoso “Isolario” (compilação de mapas de ilhas) é, certamente, a mais bela.

Benedetto BORDONI, 1460-1531

Ciampagu. [1528].

In: *Isolario ... ne qual si ragiona di tutte l isole del mondo...ricorreto et di nuovo ristampato ...* Venetia : per Francesco di Leno, [1540].

J.F.-69-6-16

1.2

Logo na década de 1560, o cosmógrafo Bartolomeu Velho introduziu esta representação do Japão como um arquipélago estreito, orientado sensivelmente NE-SW. A influência portuguesa é evidente

na toponímia da carta e na localização de “*Minas da prata*”, a principal mercadoria que os portugueses aí buscavam para trocar por sedas.

BARTOLOMEU VELHO, ? -1568

Asiae Nova descriptio. [antes de 1570].

In: Abraham Ortelius, 1527-1598 - *Theatrum orbis terrarum ...* [material cartográfico]. Antuerpiae : auctoris aere & cura impressum, absolutumque apud Christophorum Plantinum, 1579. Ex. colorido.

R-70-10

1.3

Ortelius introduziu na edição de 1584 do seu *Atlas* um mapa da China, onde a representação (marginal) do Japão retrocede para a forma de meia-Lua, um desenho conhecido como *tipo-Vaz Dourado*, do nome do cartógrafo goês que o traçou primeiro, em 1568. Esta carta da China é creditada a outro português, Luís Jorge de Barbuda, entretanto passado para o serviço de Espanha.

Luís Jorge de BARBUDA, fl. 1575-1584

Chinae, olim Sinarum regionis, nova descriptio. [ca. 1575-1584].

In: Abraham Ortelius, 1527-1598 - *Theatrum orbis terrarum ...* [material cartográfico]. Editio ultima. [Antuerpiae : apud Ioannem Bapt. Vrintium : typis Roberti Bruneau, 1603]. Ex. colorido.

R-70-11

1.4

A primeira carta própria do Japão incluída num atlas europeu é do cartógrafo Luís Teixeira. Tendo seguido, inicialmente, Vaz Dourado, deve ter acedido a outras informações e mudou radicalmente a sua representação do Japão, em 1591-1592. Esta carta marcou durante muito tempo a representação do país.

Luís TEIXEIRA, 1564–1604

lapponiae Insulae descriptio Ludoico Teisera auctore. 1595, privileg.
In: Abraham Ortelius, 1527-1598 - *Theatrum orbis terrarum* ... [material cartográfico]. Antuerpiae : Ex officina Plantiniana : Abrah. Ortelij aere & cura, 1595.

J.F.-59-3-1

1.5

Produzido em contexto jesuíta, este mapa incorporou informações geográficas que a Companhia reunia desde que o cartógrafo Inácio Moreira esteve pelo menos duas vezes no Japão. Surge detalhado, com as fronteiras eclesiásticas marcadas, inúmera toponímia e ilustrado com o galeão que levou S. Francisco Xavier ao Japão, em 1549.

António Francisco CARDIM, 1596-1659

lapponiae nova & accurata descriptio ... [antes de 1646].

In: António Francisco Cardim, 1596-1659, S.J. - *Fascicvlvs e Iapponicis floribvs, suo adhvc madentibvs sanguine*. Romae : Typis Heredum Corbelletti, 1646.

RB-37-35

1.6

O mapa, no formato popularizado pela família Teixeira, figura desde esta primeira edição da coletânea. João Teixeira Albernaz I, ou o Velho (? -ca. 1662), foi o mais prolífico cartógrafo português do século 17. O Japão é aqui representado como quatro ilhas: Bungo, Touça, Meaco e Ieso (*Hokkaido*).

João Teixeira ALBERNAZ, o Velho

[Extremo Oriente]. 1664.

In: Melchisédech Thévenot, 1620?-1692 - *Relations de divers voyages curieux, qui n'ont point esté pvbliees...* A Paris : De l'imprimerie de Jacques Langlois : Chez Gaspard Meturas pere et fils ... [et al.], 1663-[1672].

1-6-24-588 (apenas o vol. 2)

1.7

Depois da expulsão dos missionários (e dos mercadores portugueses, sempre proselitistas), só os holandeses estavam autorizados a frequentar portos japoneses. Assim, terminou o nosso contributo para a cartografia deste arquipélago, não deixando de ser curioso referir que o autor italiano deste mapa estudou dois anos em Coimbra.

Martino MARTINI, 1614-1661

Iaponia Regnum. [1658?].

In: Joan Blaeu, 1596-1673 – *Atlas mayor, sino Cosmographia Blaviana...* Amsterdam : Juan Blaeu, 1659-1672.

S.P.-Af-12-1 (apenas o vol. 6)

2 Cultura e livros em viagem

2.1

Belchior (ou Melchior) Nunes Barreto (ca. 1520-1571) jesuíta e Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi “um homem de prodigiosa cultura” (M. Cadafaz de Matos), que levou para o Japão a primeira *biblioteca* digna desse nome, cuidadosamente constituída para servir as necessidades do estudo pessoal, das práticas do seu ministério, da catequese e do ensino jesuíticos.

Tomás de AQUINO, Santo, 1225-1274

... *Contra genti. Aurea summa cõtra gentiles... nouiter sue reddita integritati. Alijsq3 nouis... additionibus...* Venetiis : Octavianus Scotus, 1522.

RB-9-9

EUSÉBIO, de Cesareia, ca. 265-ca. 340

Hystoria dela yglesia que llamã ecclesiastica y tripartita. Coimbra : por Juan Aluarez, 27 Agosto 1554.

Disponível em *Alma Mater*.

R-21-17

RODRIGO, do Porto, 15—

Manual de confessores & penite[n]tes em ho qual breue & particular & muy verdadeiramente se decidem & declarã quasi todas as duuidas & casos... Coimbra : por loã da Barreyra & loã Aluares, 1549.

Disponível em *Alma Mater*.

R-3-25

2.2

Com as *Cartas* do ano de 1557, veio um “Édito” redigido em japonês, cujos caracteres serão inabilmente copiados e impressos em Coimbra, em 1570. Trata-se de uma carta patente de Ōtomo Sōrin, ou Yoshishige, o *daimyo* do Bungo (*Kyūshū*), concedendo aos jesuítas permissão para construir uma igreja, em 1552, o primeiro documento japonês alguma vez publicado na Europa.

COMPANHIA DE JESUS

Cartas qve os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão dos Reynos de Iapão & China ... desde anno de 1549 até o de 1580... Em Euora : por Manoel de Lyra, 1598.

V.T.-18-9-17 (apenas o vol. 1)

2.3

Nesta terceira (e melhor) edição da história das Missões orientais, do jesuíta de Coimbra Manuel da Costa, incluiu-se o mesmo “Édito”, com o título *Specimen quoddam litterarum vocumque Japonicarum; desumptum e regis Bungi diplomate*, reproduzido em novas xilografias e com tradução “caráter-a-caráter”, por Giovanni Pietro Maffei.

Manuel da COSTA, 1541-1604

Rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum volumen : in quo haec ferme continentur ... epistolarum liber I : De Japonicis rebus ad annum usque MDLXV... Neapoli : apud Horatium Salvianum, 1573.

1-12-2-53

2.4

No regresso da Delegação *Tenshō* ao Japão, foram embarcadas em Lisboa uma pequena tipografia, imagens devotas, obras de arte, livros e mapas, nomeadamente uma edição atualizada (1584) de Ortelius e um *Atlas* de Georg Braun, oferecido aos legados japoneses, em Pádua, pelo botânico alemão Wieland (ca. 1520-1589). Alguns destes materiais inspirariam a decoração de biombos *Namban*.

Abraham ORTELIUS, 1527-1598

Indiae Orientalis insularvm qve adiacentivm typvs [material cartográfico]. [Antuerpiae] : [s.n.], [1595].

NC-854 (Gaveta 4)

2.5

Quando os ingleses capturaram (agosto de 1592) a magnífica nau *Madre de Deus*, encontraram ali um “tesouro” remetido de Macau. Segundo o relato de Richard Hakluyt, este livro impresso por tipógrafos cristãos japoneses foi encontrado fechado numa caixa de cedro, enrolado 100 vezes por um tecido fino de Calecute, tratado como a mais preciosa das joias.

Duarte de SANDE, 1531-1600, S.J.

De missione legatorvm Iaponensivm ad Romanam Cvriam... In Macaensi portu Sinici regni : in domo Societatis IESV, 1589.

Atrib. a Duarte de Sande. Versão A, segundo M. Cadafaz de Matos. Ex. reencadernado em 2018 com as pastas originais.

R-13-17

2.6

Com a unificação do Japão, o Cristianismo começou a ser considerado uma força subversiva e conseqüentemente perseguido. As notícias das perseguições aos cristãos japoneses chegavam em cartas

como esta, escrita em papel oriental. A encadernação é feita à europeia, mas num papel com um padrão com a heráldica (*mom*) do Clã *Toyotomi*. É claramente um documento de fusão das duas culturas.

Cristóvão FERREIRA 沢野忠庵, ca. 1580-1650

Ânuia de Japão de 618 [manuscrito]. Japão, 8 jan. 1619.

Carta autógrafa. Papel oriental.

Ms. 2853

2.7

Dos pouquíssimos ocidentais que permaneceram no país sob o *sakoku*, só o *alumnus* conimbricense Cristóvão Ferreira estaria habilitado a traduzir para japonês textos como este *De Sphaera Mundi*, ou tratados de cirurgia “holandesa”. Depois da expulsão, os japoneses passaram a chamar “holandeses” a todos os conhecimentos e tecnologias *Namban*, de origem portuguesa.

Cristóvão GALO, fl. 1625

Commentarius in sphaeram Ioannis de Sacro Bosco [manuscrito].
Ulispone, 1621.

Disponível em *Alma Mater*.

Ms. 192

2.8

O último “monumento” de fusão de um texto português com uma forma japonesa é a edição de *O culto do chá* (Kobe, 1905), feita no Japão, recorrendo a papel, técnicas e encadernações locais. Em Portugal, tentou-se copiar com a exatidão possível as características desta edição japonesa numa segunda edição da Casa Ventura Abrantes.

Venceslau de MORAIS, 1854-1929

O culto do chá / ilustrações de Yoshiaki. Kobe : Typ. do Kobe Herald, 1905.

Disponível em *Alma Mater*.

R-36-18

O culto do chá / ilustrações de Yoshiaki. Lisboa : Casa Ventura
Abrantes Livraria Editora, [1933].

Cópia da ed. de 1905.

Col. particular do Prof. Doutor Rui Simões (ESCS)

Exposição bibliográfica comemorativa do centenário da Faculdade de Farmácia da UC (1921-2021) / Bibliographic exhibition on the centenary of the Faculty of Pharmacy of the University of Coimbra

Sala do Catálogo da BGUC, 15 novembro a 15 dezembro 2021

Ficha técnica

Comissário:

João Rui Pita

Organização:

BGUC

FFUC

Pesquisa e textos:

João Rui Pita

Coordenação e montagem:

Maria Luísa Sousa Machado

José Mateus

Apresentação

No dia 18 de janeiro de 2021 comemorou-se o primeiro centenário da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra: isto é, cem anos da passagem da Escola Superior de Farmácia a Faculdade de Farmácia.

É o seu primeiro centenário enquanto Faculdade. Contudo, o ensino farmacêutico na Universidade de Coimbra tem uma história multissecular — mais de quatrocentos anos — sendo o mais antigo de Portugal e um dos mais antigos do mundo ligado a uma instituição universitária.

Assim, no final do século XVI, ainda no reinado de D. Sebastião, fundou-se um curso de boticários na Universidade de Coimbra. Este curso foi remodelado através da reforma pombalina da Universidade (1772); os estatutos pombalinos inscreveram um curso de boticários lecionado dentro da Universidade de Coimbra contrariamente ao regime anterior, pois a aprendizagem era realizada numa botica aberta ao público. Em 1836, enquadrada nas reformas de ensino de Passos Manuel, foi fundada a Escola de Farmácia de Coimbra, tal como a de Lisboa e a do Porto. Em 1921, depois de um trajeto algo sinuoso, as Escolas deram lugar a Faculdades através de um diploma que foi comum às três instituições do país. O Decreto nº 7238 de 18 de janeiro, promulgado pelo então Presidente da República, António José de Almeida. Os regulamentos de cada uma das Faculdades foram estabelecidos através de diferentes decretos promulgados em 1921 e, no caso da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, do Decreto nº 7668.

A presente exposição pretende comemorar o primeiro centenário do estabelecimento da Faculdade, mostrando algumas publicações realizadas por professores e cientistas da instituição e de algumas instituições afins e que foram relevantes para o ensino da farmácia e das ciências farmacêuticas na Universidade de Coimbra. Contribui-se deste modo para dar a conhecer o labor da instituição e a importância do livro e das publicações farmacêuticas.

A exposição está estruturada, numa primeira parte, em função de diferentes áreas do saber farmacêutico; e, numa segunda parte, acha-se dividida em tipologia de publicações, como sejam dissertações e revistas.

João Rui Pita

(Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra)

Foi com muito entusiasmo que a BGUC decidiu acolher nas suas instalações uma exposição bibliográfica alusiva à comemoração do centenário da Faculdade de Farmácia (1921-2021), uma vez que se trata de uma efeméride relevante para a história da Universidade e da sua vida académica. A opção de exibi-la na Sala do Catálogo prende-se com a nossa vontade de lhe proporcionar a maior visibilidade possível, junto das várias centenas de utilizadores que nos visitam regularmente.

Esta mostra visa celebrar o primeiro centenário da Faculdade de Farmácia enquanto tal; porém, esta instituição orgulha-se de transportar consigo o peso de vários séculos de ensino farmacêutico, remontando a sua origem ao reinado de D. Sebastião (1558-1578), período em que ocorreu a criação de um curso para boticários. Corria já o ano de 1772 quando este curso se viu reconhecido pelos Estatutos da UC, juntamente com o Dispensário Farmacêutico, no contexto da Reforma Pombalina. Volvida quase uma centúria, em 1836, foi criada a Escola de Farmácia. Esta, em 1915, fixou-se no Palácio dos Melos e, três anos depois, passou a designar-se Escola Superior de Farmácia, autonomizando-se da Faculdade de Medicina. Em 1921, adquiriu o estatuto de Faculdade (que mais tarde perdeu para depois o recuperar, em 1968). Nascia, assim, a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

Na exposição que aqui se apresenta, optou-se por fazer incidir o foco em alguns dos vultos que mais marcaram a história desta instituição, tendo sido selecionadas obras assinadas ou traduzidas por professores da Escola/Faculdade de Farmácia. Foram ainda escolhidos trabalhos que configuraram referências científicas na área. Para este efeito, não foram considerados autores ainda no ativo.

Preenche as nossas vitrines um escol de livros e de artigos de revistas, estudos de investigação e tratados de âmbito farmacêutico. Alguns artigos de divulgação foram igualmente incluídos, ou não fosse o conhecimento produzido para ser partilhado. O

volume mais antigo remonta a 1704, contrastando com o mais recente, publicado em 2015. Como se depreende, estas balizas cronológicas espelham claramente a já longa tradição científica associada a esta Casa.

Em paralelo, compõem também esta mostra bibliográfica algumas revistas farmacêuticas relacionadas com Coimbra, bem como obras farmacêuticas editadas na cidade. Figuram aqui, igualmente, alguns exemplares que, não se encontrando no espectro temático abordado, remetem para autores sobejamente conhecidos no meio científico.

Pelas piores razões, os últimos dois anos mostraram de um modo inequívoco a suma importância da investigação científica no campo da saúde, vital para a sustentabilidade de um mundo paralisado por uma pandemia que vitimou já milhões de pessoas. Os anos de 2020 e 2021 evidenciaram também a relevância da cultura perante um cenário desesperante que testou os limites da nossa resiliência individual e coletiva. Neste período, a BGUC procurou reinventar-se, empenhando-se em não confinar a cultura. Imbuída deste espírito de pró-atividade, promoveu eventos à distância e organizou também iniciativas presenciais, garantindo sempre o cumprimento estrito de todas as regras em vigor. É neste contexto que nos orgulhamos de apresentar hoje um dos momentos mais marcantes e simbólicos da nossa programação de 2021.

João Gouveia Monteiro
(Diretor da BGUC)

Catálogo

I. Farmacopeias

1. SANTO ANTÓNIO, Caetano de, O.S.A.,?-1730

Pharmacopea Lusitana methodo pratico de preparar, & compor os medicamentos na forma Galenica com todas as receitas mais uzuais oferecida a sagrada, e sempre observante Congregação dos Conegos Regulares de Sancto Augustinho do Reyno de Portugal &c. por D. Caietano de Santo Antonio. Coimbra : Joam Antunes, 1704.

R-41-17

2. PINTO, Agostinho Albano da Silveira, 1785-1852

Codigo pharmaceutico lusitano, ou Tratado de pharmaconomia, no qual s'explicão as regras e preceitos com que se escolhem, conservão e preparão os medicamentos, e se appresentão as virtudes, usos e doses das fórmulas pharmaceuticas. Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1835.

7-48-25-35

3. PHARMACOPÊA portugueza. Edição official. Lisboa : Imprensa Nacional, 1876.

7-46-10-24

4. PHARMACOPEIA geral para o reino, e dominios de Portugal, publicada por ordem da Rainha Fidelissima D. Maria I. Ed. facsimil. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

10-(1)-15-34-16

II. Farmácia galénica e tecnologia farmacêutica

5. TAVARES, Francisco, 1750-1812

Medicamentorum sylloge propriae pharmacologiae exempla sistens in usum Academicarum praelectionum. Conimbricae : ex Typographia Academico-Regia, A.C., : prostat aput J.P. Aillaud, 1787.

2-22-1-17

6. CORDEIRO, C. J. X.

Elementos de pharmacia theorica e práctica : contendo muitos artigos proveitosos para o exercicio quotidiano da farmácia. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1859-1860. 2 vol.

7-46-23-6/7

7. BOTTE, Júlio de Sande Sacadura, 1839-1899

Elementos de pharmacotechnia. 2.^a ed. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1890.

7-24-32-80

8. ALVES, A. Correia

Farmacologia das sulfamidas. Coimbra : [s. n.], 1945.

Sep. de "Notícias Farmacêuticas". Coimbra. 11, 5-6, (1945), p. 241-246.

5-27-24-257

9. SANTOS, Maria Serpa dos, 1916-2011

Aferição da penicilina. Coimbra : [s.n.], 1945.

Sep. de: "Boletim da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra". Coimbra. 5, 42 (1945).

5-19-5

10. BRÓJO, António Pinho, 1927-1999

Estabilidade de medicamentos. Coimbra : Escola de Farmácia, 1964.

Sep. de: "Boletim da Escola de Farmácia Universidade de Coimbra". Coimbra. 24, (1964).

5-14-18-57

11. VALE, José Baeta Cardoso do

Comprimidos. Coimbra : [s.n.], 1968.

Sep. de: "Boletim da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra". Coimbra. (1968), [4], 477 p.

5-23-12-20

III. Farmacognosia e plantas medicinais

12. SILVA, J. dos Santos e
Ensaio chimicos sobre a essencia da pimenteira falsa. Coimbra :
Imprensa da Universidade, 1875.

Sep. de: "Instituto de Coimbra". Coimbra. 19, (1875), p. 209-224.
7-60-23-99

13. COSTA, Aloísio Fernandes
Farmacognosia. 2.^a ed. Lisboa : Fundação Calouste, 1968-1982.
5-70-41

14. COSTA, Aloísio Fernandes
Farmacognosia. 6.^a ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian,
2002.
5-57-4 (V.1)

15. CUNHA, A. Proença da, 1931- ; ROQUE, Odete Rodrigues
Especiarias e plantas : origem, composição e utilização. Lisboa :
Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
10-(1)-17-24-16

IV. Química, toxicologia, ecologia e bromatologia

16. SILVA, Joaquim dos Santos e, 1842-1906
As aguas alcalino-gazosas de Vidago (Fonte Campilho): analyse
chimica, seguida de breves considerações sobre as suas qualidades
e usos therapeuticos pelo Dr. Raymundo da Silva Motta. Coimbra :
Imprensa da Universidade, 1884.
7-56-16-58

17. SILVA, Joaquim dos Santos e, 1842-1906

Elementos de analyse chimica qualitativa. 3.^a ed. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1891.

7-44-14-21

18. GRILLO, Maria Cornélia Teles, 1915-2003

A proteção às crianças em caso de ataque aéro-químico. [s. l. : s. n.], 1941.

Sep. de "Notícias Farmacêuticas". Coimbra. (1941), 31 p.

5-14-6

19. NEVES, André da Silva Campos, 1926-2014

Algumas reacções de oxidação em química orgânica. Coimbra : [s. n.], 1964.

Sep. de: "Boletim da Escola de Farmácia". Coimbra. 24, (1964), 18 p.

5-14-23-259

20. SILVEIRA, Maria Irene O. C. Bettencourt Noronha da, 1944-2013

Intoxicações alimentares. Coimbra : [s. n.], [1974].

Sep. de: "Boletim da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra". Coimbra. I-V (1973), 37 p.

6-25-16-146

21. FABRE, René, 1889-1966; TRUHAUT, René, 1909-1994

Toxicologia. Trad. de A. S. Campos Neves, J. A. Almeida Ribeiro, J. J. Nunes de Oliveira. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1977.

5-70-32

22. VALE, José Cardoso do, 1911-2010

Ecologia e meio ambiente : ciclos biogeoquímicos : cadeias alimentares : poluição. Coimbra : Biblioteca da Faculdade de Farmácia, 1984.

6-34-34

V. Física e análise instrumental

23. SANTOS, Maria Serpa dos, 1916-2011
Física aplicada à farmácia. Coimbra : Coimbra Editora, 1962.
Sep. de: "Boletim da Escola de Farmácia". Coimbra. Supl. ao vol.
21, (1961), 312 p.
5-68-14-20

24. WILLARD, H.; MERRIT JR., L.; DEAN, J.
Análise instrumental. Trad. de Maria Serpa dos Santos. 2.^a ed.
Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, imp. 1979.
5-70-19

VI. Microbiologia e análises clínicas

25. BANDEIRA, José Ramos, 1906-1991
Laboratório do farmacêutico. [S.l : s.n.], 1939 (Alcobaça : Tip. José
de Oliveira Júnior).
Vol. 1: Análise de urinas
5-46-9

VII. História e legislação farmacêutica

26. DENIS, José Cipriano Rodrigues, 1876-1954
A farmácia em Portugal. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926.
Oração de sapiência proferida na sessão solene de abertura da
Universidade, 1 Dez. 1925.
Sep. de: "O Instituto". Coimbra. 73, 5 (1926), 29 p. + [1 p. desdobrável].
IC-1-3-8-126

27. CUNHA, Guilherme de Barros e, 1898-1985?
Sobre a data em que começaram os exames de farmácia em Por-
tugal. Coimbra: [s. n.], 1936.

Sep. de: "Notícias Farmacêuticas". Coimbra. (1936), 8 p.
7-36-18-19

28. COSTA, Manuel José Fernandes, 1870-1952

O edifício da Escola Superior de Farmácia de Coimbra e as suas instalações. Coimbra: [s. n.], 1937.

Sep. de: "Notícias Farmacêuticas". Coimbra. 13, (1937), 35 p.
5-30-23

29. CUNHA, Guilherme de Barros e, 1898-1985?

Doutrina acerca de certas incompatibilidades do exercício profissional. [s. l. : s. n.], 1942.

Sep. de: "Notícias Farmacêuticas". Coimbra. (1942), 10 p.
5-28-24-218

30. BANDEIRA, José Ramos, 1906-1991

Universidade de Coimbra : edifícios do corpo central e Casa dos Me-
los. Coimbra : [s.n.] : Casa do Castelo Editora, deposit., 1943-1947. 2 vols.
RB-4-19/19 A

31. BANDEIRA, José Ramos, 1906-1991, e outros

Debatendo problemas farmacêuticos. Coimbra : [s.n.], 1959-1960.
5-62-26-18/18 C

32. SANTOS, António de Almeida, 1926-2016, e outros

António Pinho de Brojo (1927-1999) : olhares de saudade. Lisboa
: Associação Nacional das Farmácias, D.L. 2000.
6-37-49-51

VIII. Dissertações e teses

33. ALMEIDA, Luys d'

A pharmacia e o exercício profissional : (a traços rápidos). Coimbra : Imprensa da Universidade, 1904.

Dissertação de concurso ao Magisterio Pharmaceutico da Universidade.

5-56-29-4

34. COSTA, Manuel José Fernandes, 1870-1952

Hypericum Androsæmum, L. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1904.

Dissertação para o concurso a um lugar de professor da Escola de Farmácia de Coimbra.

5-56-29-2

35. BANDEIRA, José Ramos, 1906-1991

Sobre a aferição de vacinas bacterianas. Coimbra : [s.n.], 1944.

Tese de Doutoramento em Farmácia, Porto, 1944.

5-56-29-12

36. CARVALHO, Luís da Silva

Contribuição para o estudo farmacotécnico de soluções de isobutirato de novocaíneo (produto de Régnier). Subsídios particulares para a preparação de soluções destinadas à aplicação ocular. Coimbra : [s. n.], 1947.(Coimbra: Imp. Coimbra Editora).

IC-18-1-3-60

37. NEVES, André da Silva Campos, 1926-2014

Contribuição para a síntese parcial da aldosterona. Coimbra : [s.n.], 1958 (Coimbra : Coimbra Editora).

Dissertação apresentada à Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto para prestação de Provas de Doutoramento.

9-(4)-14-10-44

38. CUNHA, A. Proença da, 1931-

Análise de misturas de estreptomicina e di-hidro-estreptomicina : contribuição para o seu estudo. Coimbra : [s. n.], 1963.

5-6-74-130

IX. Revistas

39. NOTÍCIAS Farmacêuticas : jornal bi-mensal científico-profissional. Prop. e red. Guilherme de Barros da Cunha, Aloísio Fernandes Costa, José Ramos Bandeira e Francisco de Sousa Inês ; dir. Guilherme de Barros da Cunha. Coimbra : G. B. Cunha, 1934 - 1954.

Cont. por: "Boletim da Escola de Farmácia. Edição didáctica".

A-1-39

40. REVISTA portuguesa de farmácia : órgão e propr. do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos. Dir. e ed. Manuel Pinheiro Nunes. Lisboa : S.N.F., 1951- .

(Vol. exposto, 13, 3 (Set. 1963). A capa tem uma alusão às 2^{as}. Jornadas Farmacêuticas Portuguesas realizadas em Coimbra).

A-6-19

Natal : uma mostra de incunábulos e gravuras (sécs. XV-XIX) / Christmas: an exhibition of incunabula and prints (XVth-XIXth c.)

Sala de São Pedro da BGUC, 9 dezembro 2021 a 25 fevereiro 2022

Ficha técnica

Comissária:

Maria José Azevedo Santos

Organização:

LIBUC - Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BGUC

Pesquisa, legendagem e montagem:

Maria Luísa Sousa Machado

José Mateus

Colaboração técnica:

Maria de Fátima Bogalho

Maria José Silva Pereira

Digitalização:

José Neto

Participação:

Padre Nuno dos Santos

Tempo de nascer

Falar de incunábulos é falar dos primeiros livros saídos de prensas gráficas cujo termo latino incunábŭla (pl. neutro) foi criado pelo

bibliófilo alemão Bernhard von Mallinckrodt (1591-1664), deão da catedral de Münster. De singular etimologia, *in cuna*, aquele vocábulo remete-nos para o episódio universal do nascimento, do berço, ou, em sentido figurado, da origem, dos inícios, neste caso, da tipografia ou escrita mecânica.

Todavia, Mallinckrodt concedeu à palavra em epígrafe, e ao que ela representa na história, uma esperança de vida que ainda hoje é discutida: cerca de 50 anos. De facto, para ele o termo *a quo* da proto-história dos impressos deve contar-se a partir de 1450 e o termo *ad quem* não ultrapassa o ano 1500. Posta de lado esta convenção, certo é que nunca saberemos quantos livros foram produzidos nesse espaço de tempo, na Europa de fins de Quatrocentos, sobretudo, porque, entretanto, muitos foram destruídos.

Do património incunabular da Universidade de Coimbra sabemos, por trabalho recente de Teresa Martins e Maria Branco (2020) que, por exemplo, na atual Biblioteca das Ciências da Saúde foi possível identificar 5 exemplares, 4 deles de Comentários às obras de Avicena. Por sua vez, Maria da Graça Pericão, em estudo de 2009, dá conta de que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é possuidora de 210 incunábulo, produzidos em diversos prelos europeus, número assinalável se compararmos com a Biblioteca Nacional de Portugal que conserva c. 216 entre os quais devemos realçar os dois mais antigos incunábulo conhecidos escritos em português: o *Sacramental de Valdeiras* e o *Tratado de Confissom*. Contudo, um dado significativo é-nos dado a conhecer por Artur Anselmo. O distinto especialista escreve: “mais de dois terços dos incunábulo conhecidos em todo o Mundo são redigidos em latim e, destes cerca de metade tem carácter religioso”.

Mas deixemo-nos conduzir à Exposição cuja lembrança este Catálogo guardará, passado que esteja o tempo do “posto à vista”.

A tipografia quatrocentista e quinhentista marca o tempo de rutura com o manuscrito, a *ars scribendi* e a habilidade inigualável dos

monges copistas que com o pergaminho, as tintas ferro-gálicas e a pena, realizaram obras-primas para a eternidade.

O século XV traz-nos as oficinas com os seus prelos ou prensas, as tintas negras (do principal componente, a fuligem), os caracteres móveis metálicos, mas também os caixotins e as caixas, enfim o tempo da *arte negra* ou dos *livros em letra de forma*. A fascinação mantém-se com outros cheiros, outras cores, e até ruídos, se lembrarmos as pancadas secas do prelo que a força braçal dos impressores fazia estrondear ainda no século XX.

Dos vários incunábulos selecionados para esta Mostra, é obrigatório realçar o n.º 1, pois trata-se da conhecida *Bíblia Latina* “dita” de 48 linhas (A. E. Maia do Amaral, 2009). É o 1.º livro impresso conhecido com data cronológica, 1462, tópica, Mogúncia, e o nome dos autores, J. Fust e P. Schöffer, sócios de Gutenberg.

Mas admiremos ainda outras, em latim, impressas em papel, cujas características codicológicas, e a família gráfica (gótica librária), não podem negar o irreprimível mimetismo dos belos códices medievais. Veja-se o caso da n.º 4, da qual se mostra apenas o último volume, o 5.º, que contém o Novo Testamento. Olhemos o texto a duas colunas, as cercaduras de matriz manuscrita, as iluminuras, os caldeirões a azul e vermelho, entre outros elementos.

Dignos de realce são também o livro de Boccaccio, n.º 6, editado em Veneza, em 1494, *Civitate Dei*, de Santo Agostinho, impresso, igualmente, em Mogúncia por P. Schöffer, e o *Poemata Cataldis*, de Cataldo P. Sículo, saído dos prelos do nosso famoso impressor Valentim Fernandes, em Lisboa, no ano 1500.

Passado o tempo dos incunábulos podemos ver a *arte negra* em várias obras ilustradas (n.ºs 11 a 20). Predominam os Missais Romanos e Cistercienses. Destacamos o n.º 15 por ter sido impresso por António Mariz, na cidade de Coimbra, em 1589. Em 1599, diga-se, por curiosidade, que para se livrar da peste foi para Cernache onde prosseguiu a sua atividade de impressor. Já do séc. XVIII, merece a

nossa atenção o livrinho “Vozes da noute de Natal a Deos pequenino” (n.º 19), com xilogravura, de rara beleza, inspirada no Natal.

A Mostra encerra com um conjunto de gravuras dos séculos XVIII e XIX que interpretamos como hinos de glória ao Nascimento do Menino Jesus pelo resplendor, e a luz cintilante, que, de algumas delas, se desprende.

Maria José Azevedo Santos

(Presidente da LIBUC, Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)

I. Incunábulos

1. BÍBLIA. Latim. 1462

[Bíblia Latina]. [Mainz] : [Johannes Fust et Peter Schöffer], [14 agosto 1462].

Cofre 24

Bíblia latina da Mogúncia, impressa por Johannes Füst et Peter Schöffer, com texto em caracteres góticos, a duas colunas de 48 linhas.

É a primeira Bíblia datada. Possui 38 iniciais capitais iluminadas a ouro, 48 iniciais capitais filigranadas e pequenas capitais a azul e vermelho. Exemplar adquirido a 25 de maio de 1796.

A encadernação é do século XVIII, em pele, com o super-libros da Livraria da Universidade gravado a ferros dourados.

2. BÍBLIA. Latim. 1478

[Bíblia sacra latina]. Nurnbergn : per Antoniu Coburger, [14 abril 1478].

R-67-7

Bíblia latina impressa em Nuremberga, um dos centros impressórios quatrocentistas de maior relevo.

O texto é impresso a duas colunas em caracteres góticos. Contém iniciais capitais iluminadas a ouro e cores, iniciais capitais ornamentadas a cores e iniciais capitais a vermelho e azul.

Encadernação em pele e gravada a ferros dourados com o super-libros da Livraria da Universidade.

3. BÍBLIA. Latim. 1480

[Bíblia latina]. Venetijs : per Franciscus de Hailbrun, 1480.

R-39-7

Bíblia latina com texto impresso a duas colunas em caracteres góticos. Contém iniciais capitais a azul e vermelho.

Possui dois pertences manuscritos: “Da Livraria do Real Colégio de S. Pedro” e “Colegij Paris. Soc. Jesu”, riscado.

Encadernação heráldica, em pele, com as armas de Claude de Tudert, Conselheiro eclesiástico do Parlamento de Paris, gravadas a ferros dourados em ambas as pastas; na lombada o título, a data de publicação e o super-libros de Claude de Tudert gravado a ferros dourados.

4. BÍBLIA. Latim. 1481

[Biblia cum glossa ordinaria Walafridi Starbonis aliorumque et interlineari Anselmi Laudunensis]. [Strasbourg] : [Adolf Rusch], [1481].

R-68-6 (Tomo 5)

Obra, em cinco volumes, impressa em caracteres góticos. Publicada cerca de um quarto de século após o primeiro livro impresso, conserva as características dos manuscritos. Ao centro, texto a duas colunas, cercado por comentários nas margens.

O tomo 5 contém o Novo Testamento. No início de cada livro, o texto e os comentários estão inseridos em cercaduras decoradas com gravinhas e outros motivos fitomórficos, iniciais capitais, letrinas, títulos e rubricas a vermelho e azul ao longo do texto iniciais, capitais caudadas a ouro e cores e caldeirões a azul e vermelho. Possui o pertence manuscrito “F. D. Motlet cure de Jambles”.

Encadernação em pele gravada a ferros dourados, na lombada o título “Biblia Sacra C. Litteris et ornament coloribus de pict. et de

aura. Editio princeps cisca [sic] anno 1478”, destaca a singularidade desta editio princeps.

5. BÍBLIA. Latim. 1494

Biblia cum concordantiis veteris et novi testamenti. [Lyon] : per Mathiam Huss Alemanum, 1494.

R-28-1

Incunábulo impresso a duas colunas em caracteres góticos. Contém iniciais capitulares filigranadas a vermelho e caldeirões a vermelho.

A anteceder o texto, na página preliminar, tira de papel colada com título impresso: “Biblia cum concordantiis veteris et novi testamenti” e o “Anno 1494” manuscrito.

Encadernação em pele com o super-libros da Livraria da Universidade e lombada gravada a ferros dourados.

6. BOCCACCIO, Giovanni, 1313-1375

Genealogiae Ionnis Bocatii cum demonstrationibus in formis arborum desgnatis... [Venetiis : Bonetus Locatellus-Octavianus Scotus, 1494].

R-59-10

Incunábulo impresso em Veneza pelos impressores Boneto Locatelli e Ottaviano Scotto. A obra contém a representação de 13 árvores genealógicas de página inteira, xilogravadas, no início dos 13 primeiros livros. Possui também iniciais capitais xilogravadas com motivos antropomórficos, zoomórficos e fitomórficos. Pertence manuscrito na página de título “Da Livraria do Colégio Real”.

Encadernação em pele gravada a ferros secos em ambas as pastas e lombada gravada a ferros dourados.

7. ORÓSIO, Paulo, ca. 385-424?

Pauli horosii ...Adversu[m] cristiani nois q[ue]rulos prologus i[n] libros septe[m]. [Augsburg] : [Iohanne[m] Schuszler], [1471].

V.T. 20-9-2

O incunábulo possui iniciais capitais a vermelho.

Tem um pertence manuscrito do “Colegii Societatis Jesu Burg... Agº 1633». Esta obra faz parte da biblioteca particular do Visconde da Trindade legada em testamento à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Encadernação moderna simulando um *catenatus* ou livro encadeado.

8. AGOSTINHO, Santo, 354-430

[De civitate Dei]. Mogutina : Petru Schoiffer de gernshein, 1473, 5, Septembris.

R-56-8

A Cidade de Deus, é uma das obras de Santo Agostinho (Agostinho de Hipona), escrita para reconfortar os cristãos após o saque pelos bárbaros visigodos à cidade de Roma, em 410.

Este incunábulo foi impresso em Mogutina (Mainz) por Petru Schoiffer de Gernshein. Do fólio 285 ao 364 os caracteres são de menor dimensão, com iniciais capitais e caldeirões a vermelho.

Possui o pertence manuscrito “Liber Collegii Megnns (?) Societ. Iesu” e algumas notas manuscritas. Está encadernada com a obra “De Trinitate”, [Strasburg : Henricus Ariminensis, 1474], do mesmo autor.

Encadernação em pele com o super-libros da Livraria da Universidade e lombada gravada a ferros dourados.

9. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1276-1277 (João XXI)

Textus omnium summulae pe. hy. Reutlinge[n] : Johãnis otmar, 1486.

V.T. 20-9-10

Este incunábulo possui capitais iniciais pintadas à mão, a vermelho.

Pertence à Livraria do Visconde da Trindade, ostentando o Ex-libris do Baron de Bellet.

Encadernação com pastas de madeira e lombada em pergaminho, com fecho de metal ao centro.

10. SÍCULO, Cataldo Parísio, 1455?-1517?

Poemata Cataldis. [Lisboa] : [Valentim Fernandes], [1500].

R-37-10

Cataldo Sículo, poeta e humanista italiano, viveu em Portugal e foi perceptor de príncipes e de membros da nobreza. Esta obra em latim foi impressa em Lisboa em 1500, data considerada como limite da produção de incunábulos.

Possui notas marginais manuscritas, encontrando-se encadernada conjuntamente com a obra do mesmo autor "Epistole Cataldis".

Encadernação em pele gravada a ferros dourados.

II. Obras ilustradas dos sécs. XVI a XIX

11. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal Cisterciense

Missale ordinis cistercien[sis] quibusuis i[n] eo requisitis exuberantissimu[s] p[er] que[n]dam] Cistercii religiosum, bachalareu[m] in theologia formatu[m] ad vera[m] matris Cistercii forma[m] multa cu[m] sedulitate redactu[m] suu[m] hic sumit exordiu[m] in quo per eiusde[m] opera[m] plurima religiosis ordinis eiusde[m] no[n] inutilia sed p[er]fecto gratissima apposita videbunt[ur]. [Parisii] : venit apud Engleberty[m] de Marnef, mora[m]te[m] in pellicano, Joham[m]em Kaerbria[m]d al[ia]s Huguelin in Crati ferrea manentem, necnon apud Ambrosium Gerault in argentei leonis intersigno, [1526].

RB-25-22

Texto impresso a vermelho e preto, a duas colunas e com caracteres góticos. Apresenta iniciais capitais a vermelho, algumas historiadas, e caldeirões a preto e rubricas a vermelho.

Contém diversas xilografuras historiadas de quarto de página e pequenas ilustrações (algumas historiadas).

A gravura exposta (fólio 43) representa a Natividade da Virgem Maria.

12. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal romano

Missale ad sacrosancte Romana Ecclesie usum a variis mendis quibus scatebat emendatu[m] aliquot missarum officiis que in ceteris desyderantur cui etiam accesseru[n]t loci fere omnes ex sacris bibliis deprompti ad marginem adscripti. Prostat Parisijs : in vico diui Jacobi, apud Jolandam Bonhomme viduam spevtabilis viri Thielma[n]ni Kerver, ad signum unicornis, ubi et excusum fuit anno domini MDXLII [1542] (In alma Parisiorum academia, anno ab incarnatione domini MDXLII septimo calendas Martii [i.é. 26 de Março de 1542]).

Cofre 32

No rosto, ao centro, ostenta o brasão de armas de Jean de Roncherolles, abade comandante das abadias de Gard e de Mortemer.

Texto impresso a duas colunas, a vermelho e negro, em caracteres góticos. Iniciais capitais e miniaturas historiadas alusivas a cenas da Bíblia a ouro e a cores.

A xilogravura exposta (fólio 7v) representa a Natividade.

13. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal Cisterciense

[Missale ad usum sacri Ordinis Cisterciensis, nuper a mendis quam plurimis repurgatum, ac denuo accuratius per viros probos eiusdem ordinis, auctum & recognitum]. [Parisiis] : [apud Hieronymum de Marnef sub Pelicano monte D. Hylarij], [1556].

2-8-19-2

Texto impresso a vermelho e preto, a duas colunas em caracteres góticos. Possui caldeirões a preto e iniciais a vermelho e as iniciais capitais historiadas e ornamentadas com cenas bíblicas xilogravadas.

A gravura exposta (fólio 7) representa o Nascimento de Jesus.

14. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal. Latim, 1558

Missale iuxta vsum & ordinem Almae Bracarensis Ecclesiae Hispaniaru[m] Primatis, summo studio atque diligentia nouiter excusum, & multis insuper scitu dignis, ac clero pernecessarijs auctum. Lvgdvni : sumptibus Io. à Burgundia, Bibliopolae Regis Lusitanorum, 1558 (Lvgdvni : excudebat Petrus Fradin : sumptibus Ioannis à Burgundia, Bibliopôlae Lusitanoru[m] Regis, 1558).

Cofre 29

Edição rara do Missal Bracarense de Frei Baltasar Limpo, executada em Lyon pelo Arcebispo Dom Baltazar Limpo e mandada imprimir por João de Borgonha em 1558.

Frontispício arquitetónico, ao gosto italiano, com retábulo renascentista e entablamento com busto da Virgem Maria e o Menino, ladeado em edículas dos Santos Bispos da igreja bracarense, bustos de São Pedro, São Martinho, São Frutuoso e São Geraldo. Na prede-la, entre dois animais fantásticos, o brasão heráldico do arcebispo Baltasar Limpo, xilogravado.

O título é impresso a vermelho e preto, ilustrado com notações musicais.

O Missal tem uma encadernação com pastas de madeira revestidas a marroquim, colorido a vermelho, ricamente decorado com motivos fitomórficos gravado a ferros dourados em ambas as pastas com brochos de cobre e fechos de metal, corte gofrado a dourado com botões bordados com fio de prata.

A xilogravura exposta (fólio 30r), representa a Natividade do Menino Jesus.

15. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual

Missale Romanum, ex decreto sacro sancti Concilii Tridentini restitutum Pii V Pont. Max. Conimbricae : Antonii à Mariz, 1589.

RB-6-21

Obra impressa por António Mariz, com oficina tipográfica em Coimbra no ano de 1556 e com trabalhos realizados em Braga, Lei-

ria e Cernache. A 8 de abril de 1599 instalou-se em Cernache para fugir à peste, onde se imprimiu a 2ª edição dos Diálogos, de seu filho Pedro de Mariz.

Possui um pertence manuscrito de “Domingos; Joze Antonio(?)”.

Encadernação com pastas de madeira revestidas a pele, gravadas a ferros secos, com vestígios de fechos de metal.

16. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal

Missale Romanvm ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum. Pij V. Pont. Max. iussu editum, et Clementis VIII. primum, nunc denuo Urbani Papae octavi auctoritate recognitum, in quo missae propriae de sanctis omnes ad longum positae sunt ad maiorem celebrantium commoditatem. Antuerpiae : Ex Officina Plantiniana apud viduam & heredes Balthasaris Moreti, 1680.

R-40-11

Texto em latim a duas colunas, a vermelho e preto.

Está encadernada com a obra “Missae propriae festorum ordinis Fratrum Minorum...”.

Encadernação com pastas de madeira revestidas a veludo vermelho.

A gravura exposta, de página inteira (p. 20), representa a Sagrada Família e a adoração dos Pastores.

17. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal

Missale romanvm... : in quo Missae propriae de Sanctis ad longum positae sunt ad maiorem celebrantium commoditatem. Antverpiae : Ex Officina Plantiniana : Balthasaris Moreti, 1686.

R-38-16

A obra tem a seguir ao rosto intercaladas, por defeito de encadernação, 4 p. da “Missa in festo Beati Lavrentii Iustiniani...”. Encadernado com mais quatro obras, entre elas “Missae novae in missali romano...”, Ulyssippone Occidentali: Typis Emmanuelis Fernandes A Costa, 1739.

Encadernação revestida a veludo vermelho sobreposta com decoração filigranada em prata.

A gravura exposta, de página inteira (p. 46), representa a Sagrada Família e a adoração dos Reis Magos.

18. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal Cisterciense
Missale cisterciense ad usum Sacrae Congregationis Divi Bernardi, in Lusitaniae, & Algarbiorum Regnis. Antuerpiae : ex Architypographia Plantiniana, 1738.

4-26-7-2

Encadernação em pele gravada a ferros secos com vestígios de fechos de metal.

A gravura exposta, de página inteira (f. XXIII v.), Maria recebe o anúncio do anjo (Anunciação), realizada pelo artista holandês Michael Heylbrouck.

19. REGIS, Vicente Joseph, 17 -

Vozes da noute de Natal, a Deos Menino recém-nascido na lapinha de Bethelem. Dadas á luz do prelo por Vicente Joseph Regis. Lisboa : Off. dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galraõ, 1753.

Misc. 4, nº. 111

Pequeno folheto de oito páginas em verso com o título "Falla da noute da Lapinha de Bethelem".

Na página de título, pequena xilogravura, representando a Natividade com o Menino Jesus, a Virgem Maria e São José.

20. IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Missal
Missal pontifical de Estevam Gonçalves Netto... fac simile ... precedido de um estudo acerca das illuminuras e adornos dos manuscritos portuguezes... Paris : Maçã & Cia, [ca. 1879]

RB-42-7

Fac-simile do Pontificales Missae de Gonçalves Estevão Neto que se encontra na Academia das Ciências de Lisboa, datado de 1610.

Encadernação editorial em pele com o super-libros o brasão da cidade de Viseu a dourado.

Gravura de página inteira representando a Adoração dos Pastores.

III. Gravuras

21. MASSON, Alphonse-Charles, 1814-1898

Adoration des Bergers. Masson sculp. Paris : Imp. F. Chardon ainé, 30 r. Hautefeuille, [1857]. 1 gravura : buril, p&b ; 26,9x17 cm.

P17-E36

Gravura da adoração dos pastores, episódio da Natividade do Menino Jesus, segundo o Evangelho de São Lucas. Representação dos pastores a fazer as suas oferendas (cordeiros e outros produtos das colheitas) ao Menino Jesus que se encontra nas palhinhas deitado em manjedoura (resplandecente). À esquerda, em pé, sua mãe Maria Santíssima, à direita, em pé, seu pai José, por trás os animais (o burro e a vaca) que bafejam o Menino no estábulo; em cima junto ao telhado, uma pomba branca pousada; outros personagens se seguem para ver o Menino Jesus no exterior do estábulo; no canto inferior esquerdo, os cães que guardam os rebanhos descansam. Em segundo plano, a cidade de Belém.

22. METZMACHER, Emile Pierre, 1815-1890

Adoration des Rois. Metzmacher sc. Paris : Imp. F. Chardon ainé, r. 30 Hautefeuille, [1857]. 1 gravura : buril, p&b ; 26,7x17 cm.

P17-E37

Gravura da adoração dos Reis Magos, episódio da Natividade do Menino Jesus, segundo o Evangelho de São Mateus. Representação do estábulo onde nasceu Jesus e a chegada dos Reis Magos, Reis do Oriente, que vieram a Belém adorar o Menino Jesus com oferendas

(ouro, incenso e mirra), coroas dos dois primeiros reis colocadas no chão, cada um é acompanhado por três crianças com as ofertas, seguem-nos uma multidão. Em segundo plano, a cidade de Belém. No canto superior esquerdo, a Estrela que guiou os Reis Magos até ao local do nascimento do Menino Jesus.

23. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Menino Jesus]. N. Muxel aq. f.. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 31,2x24,2 cm.

P12-E80

Gravura do Menino Jesus, sentado em uma almofada de veludo, com a mão direita levantada a dar a sua bênção.

24. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Conversação sagrada]. N. Muxel a. f.. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 23,6x29,2 cm. (oblonga)

P12-E16

Gravura de “Conversação sagrada”, Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo e com a mão esquerda sobre a cabeça de um doador rodeada por Santa Catarina, São João Batista e Santa Madalena.

25. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Virgem Maria com o Menino Jesus e São João]. N. Muxel aq. f. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 27,8x23 cm.

P12-E63

Gravura, oval, da Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo e São João. O Menino Jesus segura um pau com filacteria legendada “[Ecce Agnus Dei,] ecce qui tol[lit] [peccata] mun[di]”; São João, menino, suplica à Virgem Maria e Jesus esboça um gesto de bênção nos braços de sua mãe.

26. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Virgem Maria com o Menino Jesus]. N. Muxel aq. f. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 30,8x23 cm.

P12-E81

Gravura da Virgem Maria a segurar o Menino Jesus no colo, com o braço direito apoiado no joelho, em atitude de reverência, com afetos maternos.

27. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Sagrada Família]. N. Muxel aq. f. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 23,2x31,5 cm. (oblonga).

P12-E101

Gravura da Sagrada Família. Santa Isabel e São João, junto ao cordeiro, ajoelham-se adorando o Menino Jesus, que se inclina em sua direção. Maria, sentada, segura o Menino com as duas mãos, enquanto Zacarias conversa com José. Ao fundo, vislumbra-se uma povoação.

28. MUXEL, Johann Nepomuk, 1790-1870

[Circuncisão do Menino Jesus]. [S.l.] : [s.n.], [18--]. 1 gravura : água forte, p&b ; 28x23,4 cm., sobre cartolina de 37,5x26 cm.

P12-E64

Gravura da circuncisão do Menino Jesus. Cirurgião (sacerdote) faz a circuncisão, Anjo segura uma bandeja, acompanhados por outros sacerdotes. A Virgem Maria e José esperam que o sacerdote faça a circuncisão; São João Baptista, menino, junto ao cordeiro imaculado, segura na mão esquerda um pau com fita legendada “[Ec]ce Agnus [Dei, ecce qui tollit peccata mundi]”.

Sob a gravura, nome do pintor do original “Guido”.